



Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM LETRAS:
LÍNGUA PORTUGUESA/ LIBRAS/ LÍNGUA INGLESA

AMANDA CAROLINE SANTOS BONFIM

DESVENDAMENTO DO EU E DO OUTRO EM *MEMÓRIAS DO*
***CÁRCERE* DE GRACILIANO RAMOS**

AMARGOSA

2019

AMANDA CAROLINE SANTOS BONFIM

**DESVENDAMENTO DO EU E DO OUTRO EM *MEMÓRIAS DO*
CÁRCERE DE GRACILIANO RAMOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa/ Libras/ Língua Inglesa, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Campus Amargosa, como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado em Letras.
Orientadora: Prof.^a Dra. Mônica Gomes da Silva.

AMARGOSA

2019

AMANDA CARONE SANTOS BONFIM

DESVENDAMENTO DO EU E DO OUTRO EM MEMÓRIAS DO CÁRCERE DE GRACILIANO RAMOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em letras: Língua portuguesa/Libras/Língua inglesa pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, *campus* Centro de Formação de Professores, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em Letras à seguinte banca examinadora.

Aprovada em 22/07/2019

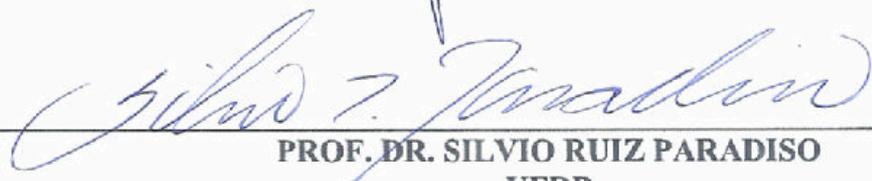
Banca Examinadora



PROF.^a DR.^a MÔNICA GOMES DA SILVA – Orientadora
UFRB



PROF. ME. RICARDO PACHECO REIS
UFRB



PROF. DR. SILVIO RUIZ PARADISO
UFRB

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, que sempre está presente na minha vida.

À professora, Dra^a Mônica Gomes da Silva, pela dedicação e paciência ao longo das orientações sempre ricas e esclarecedoras.

Aos colegas e amigos que fiz neste período, agradeço o carinho e afeto. Guardarei com amor os momentos de convivência.

Minha eterna gratidão à minha família em especial a minha mãe Marineide, que sempre foi a base da minha vida, a mulher que vibrou comigo quando passei na universidade e que vibra hoje com o término. Meu exemplo de força, que me ensinou a ter fé e sonhar. Sem ela eu não seria o que sou.

RESUMO

O objetivo desta monografia é investigar a “construção do eu e do outro” na escrita autobiográfica de Graciliano Ramos de Oliveira (1892-1953), em *Memórias do cárcere* (1953). A fundamentação teórica tem por base os estudos de Maurice Halbwachs (1990) e Paul Ricœur (2007) abordando os conceitos de memória e testemunho; a reflexão Jean Starobinski (1991) sobre o pacto autobiográfico; Eliane Zaguary (1982) tratando sobre a escrita do eu. Utilizaram-se, como referentes para o estudo da obra autobiográfica de Graciliano Ramos, as obras de Antonio Candido (2006) e Wander Melo Miranda (2009). A metodologia adotada para a análise é de pesquisa bibliográfica. O limite do "pronomesinho irritante", mesmo em sua fragilidade, é revisto com o exame minucioso, por parte do memorialista, da percepção de mundo, dos choques de convivência, resgatando uma vida coletiva para além das linhas que compõem os quatro volumes de *Memórias do cárcere*. Ao final do estudo, conclui-se que tanto o “eu” narrador, quanto os “outros”, através da escrita do memorialista, saem do cárcere reconstruídos após a experiência prisional.

Palavras- chaves: Autobiografia; Alteridade; Identidade; Graciliano Ramos; Memórias.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 A ESCRITA MEMORIALISTA DE GRACILIANO RAMOS.....	8
1.1 GRACILIANO RAMOS: VIDA E OBRA.....	9
1.2 AUTOBIOGRAFIA, FICÇÃO E MEMÓRIA	16
2 UMA LEITURA DO EU EM MEMÓRIAS DO CÁRCERE.....	23
2.1 A CONSTRUÇÃO DO EU EM “VIAGENS” E “PAVILHÃO DOS PRIMÁRIOS”	24
2.2 O ESCRITOR E A REVISÃO DE SI MESMO	31
3 ALTERIDADE E VIDA COLETIVA	35
3.1 O OUTRO PARA ALÉM DOS TRAÇOS FISIONÔMICOS	36
3.2 SAINDO DA MULTIDÃO	43
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS	50
ATA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CURSO DA GRADUANDA AMANDA CAROLINE SANTOS BONFIM	51

INTRODUÇÃO

Não é de hoje que os escritos de Graciliano Ramos de Oliveira (1892 – 1953) possuem destaque na nossa literatura, motivo pelo qual escolhemos para este trabalho uma de suas obras mais importantes: *Memórias do cárcere* (1953). O objetivo principal desta pesquisa foi identificar de que forma se dá a construção do eu e do outro, assim como as principais causas que colaboraram para a mudança dos personagens envolvidos. Debruçamos-nos, assim, sobre a figura do eu e do outro na referida obra, ao mesmo tempo em que se estudam os momentos em que aconteceram as possíveis mudanças no comportamento tanto do memorialista, quanto dos personagens retirados da vasta multidão do cárcere.

A presente análise também se voltou para o modelo autobiográfico adotado por Ramos, entendido como um mecanismo que reforça a veracidade em seus relatos; as relações de convívio forçado entre o narrador e diversos presos; o interesse do autor pelos perfis que a sociedade condenava, assim como as mudanças do “eu” decorrente dessas relações.

Diante do propósito deste trabalho, a fundamentação teórica tem por base os estudos de Antonio Candido (2006), no que se refere à ficção em Graciliano Ramos; Maurice Halbwachs (1990) e Paul Ricœur (2007) sobre a memória e testemunho; Jean Starobinski (1991) sobre o que é a autobiografia e Wander Melo Miranda (2009) sobre a autobiografia em Graciliano Ramos; e Eliane Zaguary (1982) sobre a escrita do eu.

Esta pesquisa põe em destaque a importância da memória para a reconstituição do vivido e das relações de convivência estabelecidas nas diversas prisões onde Graciliano Ramos foi encarcerado. Cabe mencionar, aqui, que a originalidade de Ramos na escrita foi fundamental para transformar algo terrível e agonizante em um texto referência da literatura. Com uma escrita singular, Graciliano Ramos faz com que a autobiografia ganhe um estatuto artístico próprio.

Para melhor organização do estudo, preferimos uma apresentação em três seções, sintetizadas a seguir. Na primeira seção, é realizada uma explanação sobre a vida e obra de Graciliano Ramos, assim como o seu contexto histórico e a descrição de fatos anteriores a sua prisão ocorrida entre março de 1936 a janeiro de 1937. Também são levantados pontos referentes à autobiografia, à ficção e à memória, uma vez que a narrativa faz uso desses três modelos. Utilizam-se, assim, as reflexões de Jean Starobinski, a partir da escrita de Jean-Jacques Rousseau, sobre a veracidade na escrita autobiográfica e o estudo de Maurice Halbwachs sobre a memória.

Procurou-se mostrar que o autor, ainda que se utilizando de uma escrita autobiográfica, não fez com que a mesma se transformasse, exclusivamente, em um relato pessoal. O autor, em nenhum momento, se colocou como centro das memórias, mesmo sendo o ponto de partida para reviver toda aquela multidão de encarcerados. Ao contrário, trouxe para o centro da narrativa, as vozes retiradas do subterrâneo social e das lembranças enturvadas pelo sofrimento e pelo tempo.

Na segunda secção, é feita uma leitura do eu em *Memórias do cárcere* e o seu processo de revisão, tomando como base duas partes do livro: "Viagens" e "Pavilhão dos Primários". Nesse contexto, é destacada a construção desse novo eu, a partir do caos que foi a prisão. Pretendeu-se mostrar que a mudança do eu sempre esteve relacionada com os outros, pois a convivência com seres tão singulares fez com que o autor pudesse assumir uma espécie de compromisso em mostrar ao mundo o que ele e os outros viveram.

Na terceira secção, o outro ganha destaque, sendo investigado para além dos traços fisionômicos. É feito um mapeamento da relação do escritor com alguns personagens, especificamente três: o negro, o ladrão e o malandro. O objetivo é entendermos em que momento esses personagens deixam de ser ameaçadores, visto que representavam as classes que mais viviam à margem da sociedade daquele período, e passam a ser confiáveis para o autor.

Acreditávamos que, quando exposto em contato com o outro e suas particularidades, o eu da obra *Memórias do cárcere* começaria a desvendar-se, mostrando-se mais acessível e receptivo às relações. Também achávamos que por ser uma obra autobiográfica, o desenvolvimento do eu iria tornar-se aparente através do relato das suas memórias no decorrer da narrativa.

A metodologia deste trabalho foi a análise bibliográfica. Fez-se diversas leituras da obra estudada, bem como fichamentos e resumos dos capítulos para coletas de informações e, posteriormente, organização do texto.

Dessa maneira, concluímos que as hipóteses levantadas foram alcançadas, pois quando o autor nos relata suas experiências, podemos perceber mudanças em seu modo de agir frente aos outros. Vemos um Graciliano Ramos que passa a enxergar e não só a olhar, um encarcerado que sente a necessidade de ter por perto os amigos que fez na prisão e que os admira pelo que são. Assumindo, com estas pessoas, responsabilidades de dar-lhes a voz.

1 A ESCRITA MEMORIALISTA DE GRACILIANO RAMOS

A capacidade de retomar o passado no presente é algo que marca a escrita memorialista de Graciliano Ramos. Em *Memórias do cárcere*, há o predomínio de uma escrita clara em que o autor resgata suas memórias para o papel, narrando, detalhadamente, os momentos da prisão. A atenção aos pormenores era um aspecto da sua escrita, isto é, Graciliano se notabilizava por uma escrita detalhista, apesar de sintética.

Por esse motivo, o exercício da recomposição, em minúcias, era o seu desejo: "Afirmava-me não ser difícil percorrermos um texto, apreendendo a essência e largando o pormenor. São as minúcias que me prendem, fixo-me nelas, utilizo insignificâncias na demorada construção das minhas histórias" (RAMOS, 1987a, p. 181).

Graciliano Ramos buscou descrever com precisão o sofrimento e as desigualdades enfrentadas durante aqueles dez meses a fim de que os prováveis leitores dimensionassem o absurdo vivido. Graciliano teve que esforçar-se, muitas vezes, para retomar suas lembranças, pois o resgate das pequenas passagens, que antes lhe fugiam à memória, reavivava sua esperança de poder testemunhar sobre a violência sofrida.

Viver o cárcere foi algo que deixou marcas em Graciliano. As relações de convívio por exemplo, além de compor grande parte da obra, foi fator primordial para a compreensão desse fato. O escritor tivera que viver e manter relações com outros presos que, apesar de tão distintos de si, se encontravam em igual condição e lhe proporcionaram parcelas significativas de reflexão e aprendizado. Como podemos ver em uma das passagens:

Fiz o possível por entender aqueles homens, penetrar-lhes na alma, sentir as suas dores, admirar-lhes a relativa grandeza, enxergar nos seus defeitos as sombras dos meus defeitos. Foram apenas bons propósitos; devo ter-me revelado com frequência egoísta e mesquinho e esse desabrochar de sentimentos meus era a pior tortura que nos podia infligir naquele ano terrível. (RAMOS, 1987a, p. 24)

Com o tempo, a experiência de convivência forçada o fez considerar que ele e aqueles presos tinham muito em comum, a começar pelo fato de que, fora dali, seriam todos farrapos de homens e constituiriam um povo marcado pelo passado, o qual os fizeram experimentar a morte em vida.

Possuindo muitas memórias referentes ao tempo de cárcere, Graciliano começa a produzir o que seria uma espécie de testamento literário usando de mecanismos na forma narrativa que interferiram no desenvolvimento da construção/ retomada de memória através da experiência da prisão.

Para melhor compreender essa escrita, analisaremos, em um primeiro momento, alguns aspectos da autobiografia, pois, ainda que o texto se estruture a partir do gênero autobiográfico, o que nos chama atenção no texto de Graciliano é, justamente, essa facilidade de escrever sem se colocar como centro.

Acerca dessa singularidade do memorialista, é um traço reconhecido da personalidade do próprio autor, como afirma Nelson Werneck Sodré no prefácio feito para *Memórias do cárcere*: “Aos que conheceram Graciliano Ramos, por outro lado, não constitui surpresa que, tendo escrito memórias pessoais, e tendo escrito na primeira pessoa, nada do que conta gire em torno de sua pessoa, julgue-se uma espécie de fulcro dos acontecimentos” (SODRÉ, 1954 *apud* RAMOS, 1987a, p. 10).

Contudo, deve-se atentar que essa escrita autobiográfica só foi possível graças ao uso de mecanismos relacionados à memória e ao testemunho. A memória, como a recordação de experiências passadas e que se perpetuam no presente, foi fator importante para elaboração e construção de toda obra. Se não fossem as memórias, muito se perderia no decorrer da escrita.

Considerando que, mesmo com alguns acontecimentos esvaindo-se pela ação da passagem do tempo, muito do experienciado é recomposto pelas memórias, sejam coletivas ou individuais. Estas memórias só se realizaram e passaram para as linhas por meio da existência do testemunho do autor; do seu depoimento frente à sua situação pós-clausura. Esse testemunho pessoal que poderia causar desconfiança quanto à credibilidade, pelo motivo de Graciliano ser o único depoente dos fatos. No entanto, isto não acontece com o escritor; sua visão será posta sem contestação.

O percurso teórico começa com base em estudo de Antonio Candido (2006) no que diz respeito aos polos da confissão e da ficção em Graciliano Ramos; Jean Starobinski (1991) que discute sobre o que é a autobiografia, Wander Melo Miranda (2009) que trata da autobiografia em *Memórias do cárcere*; Maurice Halbwachs (1990) refletindo sobre os diferentes tipos de memória e, por último e não menos importante, Paul Ricœur (2007) com a abordagem sobre aspectos do testemunho.

1.1 GRACILIANO RAMOS: VIDA E OBRA

Graciliano Ramos nasceu em Alagoas, no município de Quebrangulo, em 27 de outubro de 1892. Desde muito cedo, manifestou interesse nas atividades políticas, chegando ao ponto de ocupar o cargo de prefeito de Palmeira dos Índios entre 1928 a 1930. O escritor também mantivera laços de amizade com alguns romancistas da época como Jorge Amado,

Rachel de Queiroz e José Lins do Rego. Com estes, possuía afinidades não só no que tange à escrita, já que farão parte do chamado grupo dos romancistas do Norte, mas também uma aproximação com a ideologia comunista. Lembrando a forte polarização ideológica da década, era comum a declaração dos escritores pelas orientações de esquerda ou de direita e, até mesmo, no caso de Jorge Amado, de engajamento político mais efetivo.

Nota-se um crescente temor de uma revolução comunista e a adesão cada vez maior de setores da sociedade às orientações de cunho fascista. Como desdobramento desse conflito, ocorre o golpe, sob a tutela do então Presidente Getúlio Vargas, que instaura o Estado Novo (1937 - 1945), iniciando um período ditatorial e muito turbulento no país:

Na própria noite de 10 de novembro de 1937, quando acabara de ser instaurado no país o regime ditatorial, que foi chamado de Estado Novo – nome do regime instituído por Antônio de Oliveira Salazar em Portugal em 1933 –, Vargas explicou suas razões e seus projetos à população através do rádio: diante da inoperância do Legislativo, era preciso, segundo ele, reajustar o organismo político às necessidades econômicas do país. Esse reajuste significou a total centralização do poder: em 27 de novembro, com a concordância dos governadores, transformados em interventores, as bandeiras estaduais foram queimadas em cerimônia pública, e, em 2 de dezembro, todos os partidos políticos foram extintos. Entre as organizações dissolvidas estava a AIB, o que provocou o levante integralista de maio de 1938. A derrota dos rebeldes significou a eliminação dos últimos conspiradores dispostos a pegar em armas. Não havia mais espaço para outras forças a não ser aquelas diretamente controladas pelo governo. (D' ARAUJO, 2017, p. 28)

Nesse período, a população perdeu vez e voz. As rádios eram censuradas, pessoas não podiam posicionar-se contra o governo. Em caso de desobediência, sofriam perseguições e duras punições. Foi através da violência, apoiado pelos policiais que vigiavam a sociedade brasileira e a reprimia constantemente, que Getúlio Vargas manteve o “controle social”. Os comunistas e simpatizantes da causa sofreram no período: caçados e exilados, submetidos a condições extremas, torturados e, até, mortos. Nessa época, o Estado que deveria proteger o cidadão, passou a controlá-lo e intimidá-lo, cerceando os seus direitos constitucionais.

O Estado Novo começa a entrar em declínio ao passo que se aproximava o fim da Segunda Guerra Mundial. Getúlio Vargas declara apoio às nações democráticas e, no mesmo período, um Manifesto de Mineiros pedindo a redemocratização do país começa a circular.

Simultaneamente a esses ocorridos, em 1945, vendo que o fim da guerra se aproximava, Getúlio Vargas decide convocar toda a população para escolha de governante, nesse período, a ditadura entra na fase final. Surgem alguns partidos concorrentes à candidatura à presidência, como o Partido Social Democrática (PSD), União Democrática Nacional (UDN) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que possuía ligação direta com

Vargas e, por isso, consegue se eleger. Contudo, a população desconfia das intenções do ex-presidente em manter-se no poder e consegue destituí-lo em 29 de outubro de 1945.

Quase nove anos antes, pouco antes do golpe que jogaria o país num período ditatorial e já imerso num "Estado Nacional sem democracia", sucedem-se os fatos marcantes narrados por Graciliano Ramos em *Memórias do cárcere*. Na época casado com Heloísa Medeiros, com quem teve quatro filhos, além dos seus outros quatro, frutos do primeiro casamento, Graciliano e a família residiam em Maceió. Trabalhava na capital alagoana como diretor da instrução pública e redator do jornal de Alagoas, quando teve sua carreira interrompida ao ser levado preso mesmo sem acusação formal.

Graciliano foi considerado militante que possuía ligação com o Partido Comunista. Em 3 de março de 1936, ocorreu seu encarceramento. Durante todo o tempo em que esteve preso, até 13 de janeiro de 1937, num total de 10 meses, Graciliano não compreendia o motivo, já que não possuía relação efetiva alguma com militância. Importante destacar aqui que só em 1945, nove anos após sua prisão, é que o autor filia-se ao Partido Comunista.

Alguns anos, após toda a agonia do cárcere, o memorialista considera o papel de reconstruir os fatos vividos e se encontra desafiado a quebrar o silêncio de dez anos. Esse silêncio que nos chama atenção certamente possuía razões, conforme afirma Matildes Demetrio dos Santos:

Falar desse lugar precário, consciente da fragilidade de sua condição de escritor e pensador, num país carente de práticas democráticas, é talvez o que explica o silêncio de dez anos. Graciliano, durante toda a sua vida avaliou o peso dos sonhos e o desastre das utopias, seja como prefeito de Palmeiras dos Índios, inspetor federal de ensino ou redator do Correios da Manhã. Encargos demais para um escritor, com família para sustentar. (SANTOS, 2015, p. 66)

Por ter experienciado o que é uma prisão e, ali, muitas vezes, encontrar-se em condições desumanizadoras, não descartemos as hipóteses de que o escritor pode não ter se pronunciado antes, também por receio. Contudo, influenciado por seus amigos para que relatasse sua trágica experiência no cárcere, o autor reconsidera e assim:

Na atitude de quem deixa o gosto da liberdade agir sobre ele, Graciliano desvia-se da terrível realidade e reproduz o que lhe é ditado pela memória, que lhe permite ver o mundo duma outra forma, como se fosse uma segunda vez. Diante do passado como se estivesse diante do espelho, ele se vê como aquele que teve sua vida capturada pelas malhas cerradas da opressão. Do espelho surge, o sobrevivente do cárcere, o prisioneiro sem culpa formalizada entregue à sanha dos inimigos de mil rostos. (SANTOS, 2015, p. 11)

A obra *Memórias do cárcere* foi escrita dez anos após a saída de Graciliano da prisão e lançada, postumamente, em 1953. O autor não se prende a documento algum, confia,

unicamente em suas memórias e assume a responsabilidade de transferir para o papel as experiências da prisão. Em seu livro, o escritor apresenta posição ora de narrador, ora de personagem.

A obra possui quatro partes divididas da seguinte forma: “Viagens”, “Pavilhão dos Primários”, “Colônia correcional” e “Casa de correção”, todas organizadas cronologicamente. Em algumas passagens, porém, o autor se pega fazendo monólogos ou agarrando-se a *flashbacks* fora da ordem. O que não era tão preocupante para o escritor, visto que não possuía intenção alguma em transmitir os fatos puramente originais como aconteceram. O objetivo maior era apontar as violências e injustiças da prisão (SANTOS, 2015).

A primeira parte “Viagens” é onde tudo começa. Graciliano, que até então trabalhava na Instrução Pública de Alagoas, toma conhecimento de misteriosos telefonemas ameaçadores, porém não os leva a sério, até receber a notícia de que a polícia iria até sua casa com uma ordem de prisão. Mesmo sem entender, Graciliano espera ansioso, a fim de que haja justificativas para tal ato. Nada disto acontece. “Nada afinal do que eu havia suposto: o interrogatório, o diálogo cheio de alçapões, alguma carta apreendida, um romance com riscos e anotações, testemunhas sumiram-se” (RAMOS, 1987a, p. 37). Chegam e o levam sem nenhuma justificativa ou motivo aparente.

Conduzido para o quartel do 20º Batalhão, local em que passa uma única noite, Graciliano esperou por esclarecimentos, o que só acontece na manhã seguinte quando o avisam que ele seria transferido. Embarcado de modo obrigatório no navio Manaus juntamente com outros presos, o autor afirma que o navio era um local de sujeira, urina, vômitos... sua narrativa nos mostra que a travessia se dava de modo ignóbil e humilhante. “Agora já não éramos pequenos rebanhos, a escorregar num declive: constituímos boiada numerosa; à ideia do banheiro carrapaticida sucedeu a de um vasto curral” (RAMOS, 1987a, p. 93). O autor ainda compara a condição em que se encontravam como condição dada para animais e não a homens.

A segunda parte, “Pavilhão dos Primários”, relata a chegada de Graciliano e outros presos ao Rio de Janeiro, onde são encarcerados no Complexo Penitenciário Frei Caneca. O narrador enfatiza a situação em que se encontravam os outros que ali já estavam, magros, cabisbaixos, porém muito receptivos aos novos que chegavam. “Percebi entre os meus companheiros uma esquisita amabilidade: antes de pedir, ofereciam. Alguém veio me perguntar se necessitava qualquer coisa, dinheiro, cigarros. Nada me faltava, agradei.” (RAMOS, 1987a, p.170)

Ao narrar sua experiência envolvendo outros, Ramos apresenta sujeitos na narrativa, seja de forma individual ou em conjunto, apesar de sentir-se, sempre um deslocado, um sem-lugar nesse convívio, entretanto, por meio dessas relações, os momentos empáticos serão construídos (SANTOS, 2015).

No Pavilhão dos Primários, Graciliano fica alojado na cela junto com o Capitão Mata, que o incentiva a se alimentar, já que a comida servida no Pavilhão não era das melhores. Em meio aquele ambiente de violência e maus tratos, fazia-se necessário resistir e lutar pela sobrevivência, visto que muitos saíram do Pavilhão e nunca retornaram. Naquele local, Graciliano fez muitas amizades e todos conseguiam ter, inclusive, momentos de diversão no cárcere, como o jogo de xadrez feito com migalhas de pão, a “rádio libertadora”, entre outros.

Nesse mesmo período, Graciliano preocupa-se com a situação da esposa Heloísa e dos seus filhos, acreditando que com sua prisão, estavam todos sozinhos e desamparados. Mas para sua surpresa, tudo muda quando recebe a visita de Heloísa e pode constatar que ela estava aparentemente bem, forte e disposta a ajudar-lhe no que fosse preciso.

A terceira parte, “Colônia Correccional”, Ramos retrata a sua ida para um local tão temido, por possuir fama de maus-tratos aos presos. A Colônia Correccional localizava-se em Ilha Grande, no Rio de Janeiro, mais precisamente, a Colônia Penal de Dois Rios. Segundo o autor, as condições ali enfrentadas eram extremamente violentas e cruéis, ali os presos eram pisoteados, como verdadeiros bichos. Ao toque da corneta eram obrigados a ficar em filas e a ouvir do sargento: “Aqui não há direito. Escutem. Nenhum direito. Quem foi grande esqueça-se disto. Aqui não há grandes. Tudo igual” (RAMOS, 1987b, p. 357). Frase clara da opressão em que aqueles homens eram submetidos.

O local sujo habitado pelos presos era campo propício para dor e fome. A comida vinha envenenada com excrementos de ratos, muitos presos adoeciam, passavam muito mal com cólicas intensas. O próprio Graciliano sofreu com cólicas intestinais terríveis ao ingerir, algumas vezes, esses alimentos e nos descreve os vários dias de jejum que lhe causou abatimento e fraqueza corporal. Nesse meio tempo, o escritor acaba ficando doente, seus músculos haviam atrofiado e, ainda assim, ele se recusa a operar na prisão. Sem provas contra o escritor e com o agravamento do seu estado de saúde, finalmente, é transferido para a Casa de Correção. Lá, Graciliano promete ao médico que iria relatar num livro tudo que passou na prisão:

— Levo recordações excelentes, doutor. E hei-de pagar um dia a hospitalidade que os senhores me deram.

— Pagar como? Exclamou o personagem.

— Contando lá fora o que existe na Ilha Grande

— Contando?

— Sim, doutor, escrevendo. Ponho tudo isso no papel.

O diretor suplente recuou, esbugalhou os olhos e inquiriu carrancudo:

— O senhor é jornalista?

— Não Senhor. Faço livros. Vou fazer um sobre a colônia correccional. (RAMOS, 1987b, p.427)

A quarta parte, “Casa de correção”, aborda a passagem do escritor e demais presos à casa de correção e como a chegada a esse local revela as suas condições físicas, até então, despercebidas. Segundo o escritor, ele estava magro, medonho; ele e seus companheiros eram as representações fiéis de um cadáver. O escritor nos mostra uma saúde frágil, dores excessivas nas pernas e uma fraqueza acarretada pelo jejum de quinze dias que fizera em seu período na colônia.

Muito debilitado e frágil, os amigos do escritor tentam, de todas as formas que ele fosse liberado da prisão. Como o governo não tinha provas, nem argumentos que justificassem a participação de Graciliano no movimento comunista, no dia 13 de janeiro de 1937 é dada a liberdade ao escritor. Graciliano, então, sai do presídio e decide viver com a família no Rio de Janeiro.

Alguns anos depois de sua saída, já trabalhando na escrita de *Memórias do cárcere*, Graciliano fica muito doente e viaja a Buenos Aires para tratamento médico. O autor chega a fazer uma cirurgia, porém volta ao Rio de Janeiro desenganado pelos médicos. Vai a óbito em 20 de março de 1953, com 60 anos.

O narrador não chega a findar a obra. O próprio processo de escrita foi doloroso, de acordo com Matildes Demetrio dos Santos (2015), o escritor escrevia queixando-se de muitas dores, os ouvidos já não eram mais aguçados, pouco era o que conseguia captar, geralmente pedaços de conversa. O cansaço sobrevinha, os olhos já estavam turvos, dificultando o exercício da rememoração.

Seu filho Ricardo Ramos se encarrega de finalizar o texto após a morte do pai. Segundo Ricardo, Graciliano não possuía vontade alguma de terminar a escrita de *Memórias do cárcere*, vivia a postergar, talvez para evitar mais sofrimentos. Mesmo que sua escrita não tivesse intenção alguma de se vangloriar e seu papel principal fosse dizer dos outros e de si como presos políticos, essa tarefa árdua lhe esgotava.

Algumas correspondências pessoais do escritor vieram a público, também após sua morte. Destacarei, aqui, algumas que possuem relação com seu desejo da escrita e como esse desejo foi se desgastando após alguns anos. Graciliano fala desse desejo de publicar um livro sobre suas memórias em uma carta que escreve para Heloísa, sua esposa:

Apesar de tudo, não me sai da cabeça a ideia de escrever essa história comprida que você sabe, em quatro volumes. Penso naquela gente que vi ano passado, uns tipos ótimos. Falei no projeto a alguns conhecidos daqui, excelente projeto na opinião deles, está claro. Tudo é excelente. Se me arranjar aqui, farei o romance em dois anos. (RAMOS *apud* MATTOS, 2015, p.44)

Muitos eram os conflitos internos que permaneceram com o autor, mesmo após anos de liberdade. Em uma carta que escrevera para seu filho Júnio Ramos, o autor explica:

Interrompi o livro: há dois meses revejo provas de que José Olympio vai lançar agora. É um trabalho estúpido, mas não tenho confiança nos revisores e sou obrigado a amolar-me. Talvez em dezembro eu consiga voltar ao porão do Manaus. Se me for possível realizar a tarefa, suspendo as colaborações de contos e crônicas bestas, oferecerei a Tribuna a publicação das coisas que venho arrancando este ano dos miolos, com dificuldade imensa. Receio não chegar a concluí-las, pois estou numa burrice espantosa. Fiquei no capítulo dezoito — e apenas contei o que se passou em dez dias. Uma estopada sem fim. Vou ver se alcanço o meio da viagem. Se alcançar, é certo chegar ao fim e poderei fazer contrato com um editor e um jornal. Não tenho querido publicar nenhuma das páginas escritas. Um sujeito me ofereceu há meses um conto de réis por um capítulo, mas julgo que ele estava bêbedo. (RAMOS *apud* MATTOS, 2015, p.44)

Novamente, em 1947, o escritor manda notícias para seu filho sobre o curso da sua escrita:

Em desânimo, findei o primeiro volume da história que estou fazendo - trinta e três capítulos – e mergulhei no segundo. Suponho que terei as memórias prontas em três anos. Pedi esse prazo para o editor, vou recebendo os direitos autorais mês a mês, isto é, vivo comendo os miolos. Quando o segundo volume estiver acabado, será necessário contratar o lançamento da obra nos jornais. Tenciono, como lhe disse publicá-la aqui, em São Paulo, talvez na Bahia, em Pernambuco e no Rio Grande. (RAMOS *apud* MATTOS, 2015, p.45)

Muitos foram os caminhos tortuosos pelos quais passou o escritor, inquietações, dúvidas, angústias e sobrecarga no ato de forçar para lembrar e narrar, ainda assim quanto mais se aprofundava na escrita, os momentos do cárcere eram reavivados em sua mente. Finalmente, apesar de todas as adversidades, o escritor consegue elaborar a maior parte de suas memórias deixando uma visão, como afirma Alfredo Bosi, de que:

O narrador contempla corpos sofridos que às vezes emitem palavras, talvez idéias, farrapos de idéias, mas estas importam-lhe pouco em si mesmas. A solidariedade que lhe inspiram aqueles homens é existencial, para não dizer estritamente corporal. Não é a luta partidária de cada um que o afeta, mas o seu modo próprio de estar naquelas condições adversas, o seu jeito de sobreviver. (BOSI, 2002, p. 310)

É, por isso, que *Memórias do cárcere* detêm certo prestígio, pois a obra é mais que um relato individual, trata-se de um relato que fala por muitas vozes silenciadas, em outras palavras, a percepção que o autor faz do outro que torna sua escrita abrangente.

1.2 AUTOBIOGRAFIA, FICÇÃO, MEMÓRIA E TESTEMUNHO

Em sua escrita Graciliano aborda a miséria, a fome, as desigualdades e condições de relações/vivências humanas, cujo papel principal era falar do evitado, do grotesco, do feio, do miserável que compunham, inevitavelmente o meio popular, mas que para a grande maioria não era importante. Essa escrita surge como forma de denúncia/resistência.

Em *Memórias do cárcere* não foi diferente, como já exposto, houve muita hesitação da parte do escritor até que sua obra fosse posta decisivamente no papel. O memorialista na primeira parte do livro, *Viagens*, justifica:

Resolvo-me a contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos — e, antes de começar digo os motivos porque silencie e porque me dedico. Não conservo notas: algumas que tomei foram inutilizadas, e assim, com o decorrer do tempo, ia-me parecendo cada vez mais difícil, quase impossível redigir essa narrativa. Além disso, julgando a matéria superior as minhas forças, esperei que outros mais aptos se ocupassem dela. [...] Também me afligiu a idéia de jogar no papel criaturas vivas, sem disfarces, com o nome que têm no registro civil.

Repugnava-me deformá-las, dar-lhes pseudônimo, fazer do livro uma espécie de romance; mas teria eu o direito de utilizá-las em história presumivelmente verdadeira? Que diriam elas se vissem impressas, realizando atos esquecidos, repetindo palavras contestáveis e obliteradas? (RAMOS, 1987a, p. 21)

Considerando importante, antes de qualquer coisa, a tentativa de “veracidade” dos acontecimentos, visto que tratava dos relatos de pessoas reais que ficaram adormecidas em sua memória durante anos, o autor tinha uma certa ponderação. O cuidado se deve pelo mecanismo do resgate contar apenas com as memórias pessoais, já que as notas escritas enquanto estava confinado haviam sido perdidas.

Mesmo estando consciente do “risco” da obra tornar-se inconsistente, pois se tratando de memórias de muito tempo, seria difícil haver linearidade e exatidão, o autor reitera: “Omitirei acontecimentos essenciais ou mencioná-los-ei de relance, como se enxergasse pelos vidros pequenos de um binóculo; ampliarei insignificâncias, repeti-las-ei até cansar, se isto me parecer conveniente” (RAMOS, 1987a, p. 23).

Em *Memórias do cárcere*, o escritor adota um tom de comentário e conversação, com narrativa questionadora que torna a escrita franca: “Trata-se de um depoente, um homem que não pretende abandonar o seu compromisso de base com a fidelidade à própria consciência, admitindo sempre que é falível a sua percepção, lacunosa a memória e tateante o seu juízo ético” (BOSI, 2002, p. 322).

Não é à toa que Antonio Candido, um dos estudiosos sobre Graciliano, afirma com propriedade sobre a disposição do leitor adquirir espírito de jornada para adentrar no universo

de Ramos. Pois, sendo ele o escritor que mergulha intensamente na análise das emoções pessoais, nada menos seria o recomendado.

Na escrita de *Memórias do cárcere*, o escritor possui características muito próprias; como o fato de não se citar na narrativa de forma direta. Para tal, utiliza-se de construções com sujeito oculto, modos e tempos verbais que remontam à ideia de continuidade, por exemplo: “chegaria”, “sentia-me”, “acordava”, entre outros. Esse tipo de escrita em primeira pessoa é pertencente à forma autobiográfica; como assegurava Rousseau que a utilizou e via, neste modelo, um mecanismo que possibilitava uma escrita sincera/ transparente entre autor e leitor.

Jean Starobinski, a partir dos escritos de Jean-Jacques Rousseau, elabora uma reflexão filosófica sobre a escrita autobiográfica. Segundo Starobinski, Rousseau defendia que só o homem pode escrever sobre si, afinal só ele conhece sua verdadeira vida e, qualquer tentativa de outrem, seria um fracasso. Assim, reforça que há veracidade na escrita autobiográfica, lugar privilegiado sobre o relato de si. Quanto ao modelo autobiográfico, Starobinski concorda, mas reforça que, nem sempre, haveria reprodução fiel nessas narrativas, pois:

Dizer todos os começos seria dizer todos os instantes: mas essa extrema fidelidade da linguagem da vida é dificilmente pensável. Supondo-se mesmo que a isso se chegasse, seria substituir a vida pela linguagem [...] a autobiografia está destinada a um duplo fracasso: de um lado, não será possível dizer tudo, e portanto a justificação não será total; de outro, o silêncio da felicidade perfeita está para sempre rompido. (STAROBINSKI, 1991, p. 199)

De acordo com Starobinski, Rousseau sabia que seguir uma ordem cronológica dos acontecimentos era difícil, uma vez que, muito do que se viveu é esquecido. Mas, para ele, um caminho possível seria apegar-se aos sentimentos que transportava ao passado e, assim, reconstruir os fatos materiais esquecidos, de modo a constituir a autobiografia:

Todos os papéis que eu reunira para suprir minhas memórias e guiar-me nessa empresa, passado pra outras mãos, não voltarão mais às minhas. Tenho apenas um guia-fiel com o qual posso contar; é a cadeia de sentimentos que marcaram a sucessão de meu ser, e, por meio deles, a dos acontecimentos que deles foram a causa ou efeito. Esqueço facilmente minhas infelicidades, mas não posso esquecer minhas faltas, e esqueço ainda menos meus bons sentimentos. Sua lembrança me é demasiadamente cara para pagar-se algum dia do meu coração. Posso cometer omissões nos fatos, transposições, erros de datas; mas não me posso enganar sobre o que senti, nem sobre aquilo que meus sentimentos me fizeram fazer; e aí está do que principalmente se trata. O objeto próprio de minhas confissões é fazer conhecer exatamente o meu interior em todas as situações de minha vida. (ROSSEAU *apud* STAROBINSKY, 1991, p. 204)

De igual modo, ocorria com Graciliano, reconhecia que muito do vivido não seria lembrado e, conseqüentemente, não chegaria a compor as linhas de *Memórias do cárcere*.

Mas ainda assim, agarrava-se ao pouco que lhe sobrevinha à mente e transportava para a escrita; fazendo uso da escrita em primeira pessoa, e incluindo outros seres também para a narrativa.

Os romances de Graciliano em primeira pessoa não se fundem sobre a evidência de um sujeito pleno, mas se abrem a um espaço de perquirição mais vasto, que não se situa apenas no âmbito de uma possível interioridade reconstruída. O texto postula-se não como termo final onde se decide a totalidade e unicidade do indivíduo, mas como interrogação deixada em aberto na sua disparidade e indefinição. Por um sistema de desvios e denegações, a suposta plenitude da palavra autobiografia é desconstruída, dando lugar a um processo no qual os problemas do mundo vivenciados não se colocam em termos restritos de individualidade [...] (MIRANDA, 2009, p. 85)

Nesta sentença, vemos a escrita de Graciliano através de outras perspectivas que não a individual apenas. O que abre margens para afirmar que esta escrita autobiográfica não era individual, pois, se considerar a autobiografia como resultado do eu transformado pelo outro, tem-se a cronologia dos fatos ocorridos com o autobiografado afetada.

Ainda na perspectiva de Wander Melo Miranda, essa escrita se estabelece em dois polos, o ficcional e o autobiográfico, que:

agem e retroagem mutuamente, ora elidindo uma face do autor, ora acentuando uma outra, fazendo com que os confrontos entre os “biografemas” disseminados na tessitura romanesca e a revisão autobiográfica dos livros memorialistas não se transformem numa equação simplista, artificiosa e redutora das tensões que percorrem a aventura experimental e enigmática do *eu* com a linguagem. (MIRANDA, 2009, p. 87)

Desta forma, vemos como é importante estabelecer diálogos entre as manifestações vividas e mecanismos internos da organização textual. O autor ainda cita que o objeto profundo da autobiografia é o próprio nome, que afirma a identidade autor-narrador-personagem, sendo esta uma auto interpretação que não impede que a autobiografia acabe indo para o campo da ficção:

Apesar do aval da sinceridade, o conteúdo da narração autobiográfica pode perder-se na ficção, sem que nenhuma marca decisiva revele, de modo absoluto, essa passagem, porquanto a qualidade original do estilo, a privilegiar o ato de escrever, parece favorecer mais o caráter arbitrário da narração que a fidelidade estrita à reminiscência ou o caráter documental do narrado (MIRANDA, 2009, p. 30).

Contudo, o narrador deve ser impulsionado e transformado para que sua escrita autobiográfica não se transforme em objeto de narração, transpondo-a a uma história como aconteceu quando o romance realista passou a usar narrador-personagem em primeira pessoa dificultando a distinção entre autobiografia e ficção (MIRANDA, 2009). O ato autobiográfico

deve efetivar-se nos textos, para isso, segundo Miranda de acordo com Elizabeth Bruss são necessárias três regras básicas:

a. autor, narrador, personagens devem ser idênticos; b. as informações e os eventos relativos à autobiografia são tidos por serem, terem sido ou deverem ser verdadeiros, sendo passíveis de verificação pública; c. espera-se que o autobiógrafo tenha certeza a respeito de suas informações, podendo serem ou não reformuladas. (ELIZABETH BRUSS, *apud* MIRANDA, 2009, p.32)

A partir dessas definições é que podem ser apontadas as diferenças e semelhanças entre o texto autobiográfico e os demais como por exemplo: o diário, autorretrato, romance e as memórias. Deste modo, fica claro que a narrativa autobiográfica é a visão pessoal do autor que usa das lembranças de acontecimentos passados para escrever num exercício de mesclar entre a autobiografia, memória e o testemunho.

Sendo assim, “o que garantirá a verdade da autobiografia é essa não-resistência aos sentimentos e à lembrança” (STAROBINSKI, 1991, p. 202). Em outras palavras, as memórias passadas que são reativadas através das lembranças são as peças principais do “quebra-cabeça” que é a escrita autobiográfica.

A respeito do conceito e dos tipos de memórias, recorremos aos estudos de Maurice Halbwachs. Segundo o autor, as memórias estão intimamente ligadas às lembranças, que podem ser de anos passados, meses ou até dias, por exemplo, como também podem ser lembranças que envolvam outros ou apenas nós. Desta forma, as memórias são lembranças de experiências passadas que se constituem no presente através do ato de lembrar. Como uma maneira de explicar como acontece a retomada das memórias o autor expõe uma situação comum como exemplo: “quando retornamos a uma cidade onde estivemos anteriormente, aquilo que percebemos nos ajuda a reconstituir um quadro em que muitas partes estavam esquecidas” (HALBWACHS, 1990, p. 25).

Portanto, visitar um local que esteja esquecido em nossa memória faz com que nossa lembrança passada seja recapitulada concretizando a memória daquele local instantaneamente.

Para Maurice Halbwachs, as memórias podem ser individuais ou coletivas. Sendo as individuais influenciadas pelo coletivo e vice-versa, porque segundo o autor nunca estamos só, nossas memórias sempre estão sendo influenciadas pelo meio externo. O que não significa que para que uma lembrança seja validada precise de algo ou alguém que ateste isso, como aponta: “assim para confirmar ou recordar uma lembrança, as testemunhas, no sentido comum do termo, isto é, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível, não são necessárias” (HALBWACHS, 1990, p. 27).

Tomando Graciliano como exemplo chave, podemos definir que as memórias individuais são as memórias do autor na narrativa, que também foram influenciadas por diversos fatores. As memórias coletivas representam as memórias do grupo, memórias que ele tem de momentos com outros personagens participantes dessa jornada árdua. Esta distinção entre memórias, quando levadas para a escrita, geram dúvidas, “mesmo se consideram as memórias como narrativas do que foi visto ou escutado, feito ou dito e a autobiografia como relato do que o indivíduo foi, a distinção entre ambas não se mantém muito nítida” (MIRANDA, 2009. p. 36).

O que costuma acontecer é definir a autobiografia como uma representação individual, enquanto a escrita memorialista como resultado de um conjunto de relatos individuais. E vemos que em *Memórias do cárcere* não é bem assim, o escritor sabe usar as palavras a favor de uma escrita memorialista e autobiográfica que conversam ao mesmo tempo, sem se separarem.

Outro fator preponderante na escrita da referida obra, está ligado aos sentidos que ativam a lembrança do memorialista. Conseguimos perceber essas passagens em diversos momentos no livro, como por exemplo, quando o autor estava no navio *Manaus*, “Viagens” (Parte I) e na “Colônia correcional” (Parte III). Enquanto estive no navio, Graciliano se deparou com situações difíceis, tratamentos inumanos, momentos de angústia. Na passagem a seguir no capítulo 17 da parte I “Viagens”, o autor relembra através dos sentidos, o espaço físico onde esteve, os odores e a sensações que experienciou:

Nem me sentia humilhado, no atordoamento; não buscava saber se me restaria forças na alma dentro da realidade inconcebível. A alma fugia-me, na verdade, e inquietava-me adivinhar que a resistência física ia abandonar-me também, de um momento para outro: jogar-me-ia sobre as tábuas sujas, acabar-me-ia aos poucos, respirando amoníaco, envolto em pestilências. (RAMOS, 1987a, p. 94)

Outra passagem interessante é quando Graciliano lembra de um fato que era um verdadeiro tormento não só para ele, mas para todo o grupo de encarcerados:

Os percebejos da Detenção eram na verdade uma praga, e em vão tentávamos saber onde se escondiam. (...) Deviam alojar-se nos ferros das grades, nas juntas das camas, nas grades dos guarda-ventos. Examinávamos pacientemente os lugares suspeitos, esmiuçávamos a roupa, as cobertas, os colchões, os travesseiros. Nenhum sinal dos miseráveis. Durante o dia era possível esquecê-los. (...) À noite deixávamos repousar alguns minutos: era como se calculassem o tempo, soubessem a hora de atormentar-nos. Quando íamos adormecendo, uma ferroada nos despertava, sentíamos carreirinha na pele, cócegas, comichões. A trave de ferro já não me incomodava: habituara-me depressa a arrumar os ossos no colchão. Agora o tormento era aquele, picadas, o teimoso fervilhar. Virava-me, coçava-me, erguia-me afinal desesperado, sacudia os panos, em busca dos terríveis inimigos. Invisíveis,

pertenciam com certeza ao organismo policial, realizavam fiéis a tarefa de importunar-nos da melhor maneira (RAMOS, 1987a, p. 194)

Este episódio demonstra bem o que seria essa memória coletiva usada pelo autor, pois o fato foi algo tão marcante para o memorialista que ficou fixado em sua memória individual, constituindo a narrativa. Felizmente muitas são as passagens que Graciliano relembra e descreve com exatidão. No que diz respeito a essas manifestações de memórias individuais e coletivas, Halbwachs reforça:

em particular se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela; nem por isso deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente a sua substância. (HALBWACHS, 1990, p. 53)

Sendo assim, o uso das referências e memórias coletivas nas narrativas de memórias é algo natural e não influencia de maneira negativa a narrativa. Ao contrário, só enriquece o texto com histórias diversas, incrementando uma narrativa marcada, não só pelas críticas ao cárcere, mas ao sistema de desumanização instaurado pelas políticas autoritárias do governo que Graciliano fazia questão de revelar.

Através de sua escrita articulada, o autor nos possibilita visualizar momentos e situações vividas no cenário brasileiro da época; tanto no que se refere ao individual, quanto ao coletivo. O testemunho torna-se parte importante nesse processo de rememoração e escrita; pois “com o testemunho é inaugurado um processo epistemológico que parte da memória declarada, passa pelo arquivo e pelos documentos e termina na prova documental” (RICŒUR, 2007, p. 170).

Porém, uma das questões cruciais está voltada para a confiabilidade dessa escrita, que se configura como resultado de um testemunho. Tendo em vista que Graciliano é figura participativa do período que descreve em sua obra, algumas dúvidas quanto à veracidade surgirão, por se tratar de uma única percepção. Tomando como base a reconstituição de uma cena por exemplo, seriam necessárias outras vozes para relatar e serem comparadas em três níveis definidos pelo autor: momento da percepção, fase de retenção e momento da reconstituição verbal.

O escritor aponta todos os processos pelos quais o testemunho passa até assumir sentido que o signifique e dê credibilidade. Por essa razão sabe-se que a escrita de testemunho é muito subjetiva, uma vez que depende da visão de quem narra o fato; assemelhando-se à autobiografia, como na obra em foco.

Assim sendo, em *Memórias do cárcere* teremos a escrita de testemunho do personagem narrador que também vai ocupar lugar de narrador-observador a depender do contexto. Nesse cenário, *Memórias do cárcere* acaba assumindo papel de literatura testemunhal. Desta forma, o testemunho surge como relato de experiências resgatadas através das lembranças passadas que remontam às memórias de Ramos.

Deste modo, fica claro que todos os mecanismos de memória, testemunho, lembranças, coletivas ou individuais fazem *Memórias do cárcere* ser o que ela é. Como afirma Bosi (2002), uma obra densa seja por sua generosidade em volumes e seu teor descritivo que reflete as muitas angústias e inquietações existentes no âmago de Ramos, mesmo após dez anos, mas que se afirma pelo reconhecimento da força e dos limites do sujeito.

2 UMA LEITURA DO EU EM MEMÓRIAS DO CÁRCERE

Desgosta-me usar a primeira pessoa. Se se tratasse de ficção, bem: fala um sujeito mais ou menos imaginário; fora daí é desagradável adotar um pronomezinho irritante, embora se façam malabarismos para evitá-lo. Desculpo-me alegando que ele me facilita a narração. Além disso, não desejo ultrapassar o meu tamanho ordinário. Esgueirar-me-ei para os cantos obscuros, fugirei as discussões, esconder-me-ei prudente por detrás dos que merecem patentear-se. (RAMOS, 1987a, p. 24)

Nesta passagem, Graciliano declara não gostar do pronome eu, mas terá que usá-lo para uma melhor tentativa de representação do outro. Vemos que o escritor se preocupou em esconder-se atrás do pronome que tanto desgostava a fim de que o outro pudesse ganhar destaque em sua narrativa. Logo, podemos apontar que o “eu” de *Memórias do cárcere* existe em função de outros.

A escrita de *Memórias do cárcere*, como já sabemos, é fundamentada nas memórias de todo o período referente à prisão. A escrita em primeira pessoa do plural, nos deixa claro que o autor em alguns momentos assume a pele de seus personagens atribuindo-lhes grande importância no texto. Desta maneira, através dessa relação com o outro que o “eu” vai aos poucos se adequando e revelando-se. Como afirma Eloisy Batista:

O narrador exclui o leitor, na medida em que une “eu” a “eles”. A primeira pessoa do plural é sempre enunciada por um “eu” que predomina em relação aos outros, por isso, quando Ramos utiliza essa forma pronominal não abandona o seu projeto autobiográfico, apenas marca a constituição de seu herói junto daqueles que lhe acompanharam e a muitos dos quais ele atendeu a exigência da escrita. Ao leitor cabe o papel de espectador ou de testemunha, conforme o envolvimento a que se disponha. (ELOISY, 2009, p. 108)

Este “eu” que até então não havia se despertado, pôde desabrochar em meio ao caos, o que é entendido pelos leitores, mas o que chama atenção é o relato desse processo. Levando em consideração que falar de si não é tão fácil quanto parece, Eliane Zaguary (1982) aponta o falar de si mesmo como uma ruptura em que o sujeito assume condição de seu próprio objeto e passa a andar sobre uma só perna. O distanciamento de tempo entre um eu objeto passado e um eu sujeito presente, representa a segunda perna fantasmagórica, pois, a memória é mutável.

Sendo assim, percebemos que o relato de si além de ser complexo exige do escritor uma atividade de pensamento que o faça resgatar o eu do passado a fim de expressar sua fidelidade narrativa em relação ao seu eu e aos outros. Por isso, ao longo da obra podemos constatar a necessidade de que o escritor tem em se equiparar com os demais presos, como

alguém que se mostra espantado com algumas atitudes, ou como se não fosse tão bom quanto os companheiros.

Mas o que realmente chama atenção é esse “eu” revelado por meio dos outros. Como se deu? quando? por quê? Muitos são os questionamentos levantados e é, exatamente, o que essa seção pretende abordar. Primeiro será exposto um pouco sobre a construção do eu e sua autoavaliação após a prisão, através de falas, momentos, situações recordadas para melhor compreender os trechos selecionados da obra. Segundo, serão citados alguns dos episódios que fizeram Ramos se autoavaliar após prisão. Em ambos os momentos, a obra será de fundamental importância para que sejam encontrados pontos indicativos da mudança já mencionada.

2.1. A CONSTRUÇÃO DO EU EM “VIAGENS” E “PAVILHÃO DOS PRIMÁRIOS”

Tomaremos como ponto de partida para compreender de quais formas se deu a construção do “eu”, duas partes do livro: a parte I, “Viagens”, e a parte II, “Pavilhão dos Primários”. Ambas relatam momentos importantes que contribuíram para a construção do eu do autor. Na parte I, “Viagens”, Graciliano é preso sem acusação formal como vimos, é levado por um tenente e passa a noite em uma saleta. Após essa primeira detenção, viaja de trem para Recife. Ao chegar, é alojado num quartel e se surpreende com tamanha educação de um militar que o ajuda com o quarto. Vejamos:

— Obrigado, tenente.

— Não senhor, sou apenas sargento.

— Perdão. Com essa luz tão fraca, difícil notar.

Aleguei a falta de luz como alegaria outra coisa qualquer, pois de fato. Ignorante de uniformes, nem procuraria distinguir o posto do rapaz. Imaginara-o tenente — e surpreendia-me que houvesse inferiores tão bem-educados. Julgava-os ásperos, severos, carrancudos, possuidores de horríveis pulmões fortes demais, desenvolvidos em berros e recrus, nos exercícios. E aquele, amável, discreto, de aprumo perfeito e roupas sem dobras, realmente me desorientava. Surpresa tola, por causa das *generalizações apressadas*. (RAMOS, 1987a, p. 48, *grifo nosso*)

Este é o primeiro impacto do memorialista com relação ao outro. Mesmo naquela situação percebeu que haviam pessoas capazes de agirem com gentileza. Tal situação lhe impacta, pois o escritor estava acostumado a generalizar excessivamente, como veremos ao longo do texto. Um pouco mais a frente, ainda em “Viagens” um outro militar, cujo nome era Capitão Lobo, já conhecido de Ramos e tido pelo autor como um adversário que se mostra

não concordar com suas ideias, mas afirmou respeitá-las, oferece-lhe dinheiro. Diferente do que o escritor acreditava, Capitão Lobo era uma pessoa muito justa, que sabendo da mudança dos encarcerados para outro presídio, e vendo a situação em que se encontrava Graciliano, quis ajudá-lo. Porém há uma recusa de imediato, ainda assim o escritor se questiona a respeito de tamanha generosidade, chegando a pensar que a hierarquização estava se findando.

Partindo em direção ao navio *Manaus*, ainda desconhecido por ele e demais presos, o escritor descreve, no início do capítulo 17, a saída do quartel:

À saída fizeram-nos entrar num caminhão, onde se arrumavam caixotes, as nossas malas, numerosos troços miúdos. Os oficiais, os automóveis de luxo, as conversas amáveis, tinham-se evaporado. Dávamos um salto para baixo, sem dúvida, mas por muito que sondasse o terreno, não me era possível adivinhar onde iríamos cair. (RAMOS, 1987a, p. 91)

O narrador, ao observar tais mudanças, teme o destino para onde seria levado. Não havia mais luxo, nem educação por parte de militar algum, o que restavam, agora, eram dúvidas e incertezas de um futuro próximo considerado pelo narrador como o pior, conforme apresenta neste trecho:

Chegamos ao fim da escada, paramos à entrada de um porão, mas durante minutos não compreendi onde me achava. Espaço vago, de limites imprecisos, envolto em sombra leitosa. Lá fora anoitecera; ali duvidaríamos se era dia ou noite. Havia luzes toldadas piscando os olhos, tentando habituar a vista. Erguendo a cabeça, via-me no fundo de um poço, enxergava estrelas altas, rostos curiosos, um plano inclinado, próximo, onde se aglomeravam polícias e um negro continuava a dirigir-me a pistola. Era como se fôssemos gado, e nos empurrassem para dentro de um banheiro carrapaticida. Resvaláramos até ali, não podíamos recuar, obrigavam-nos ao mergulho. Simples rebanho, apenas, rebanho gafento, na opinião de nossos proprietários, necessitando creolina. Os vaqueiros, armados e fardados, se impacientavam. (RAMOS, 1987a, p. 92)

Eis que o narrador-personagem, se percebe dentro de um porão de navio, habitado por inúmeros presos e sem nenhuma higiene. A descrição inicial é de um lugar escuro, que impossibilitava a visão, definido como um espaço de “limites imprecisos”. Quando afirma isto, o escritor nos revela tanto o local, como sua relação com as pessoas. O outro, naquele momento representava tal imprecisão, submergido na massa, sofrendo as mesmas desigualdades. O eu e o outro estavam lado a lado na escuridão, de fato eram como “gado” em meio à vida social, aniquilados por um sistema opressor que os transformavam em seres imperceptíveis e sem importância.

Sem chance de escapar desse lugar angustiante, Graciliano Ramos indaga e procura definir quem são essas pessoas: “Que homens eram aqueles que se arrumavam encaixados, tábuas em cima, embaixo, à frente, à retaguarda, à esquerda, à direita? Imaginei-os

vagabundos” (RAMOS, 1987a, p. 93). Novamente, temos as chamadas generalizações apressadas do memorialista. Porém, neste momento, o escritor também se assume como pertencente a esse meio e faz isso quando afirma “era como se fôssemos gado”. Neste trecho, o memorialista, já consciente de sua condição, passa a entender que ali não adiantava de onde vinham, estavam todos no mesmo lugar. Ele, desprovido de identidade social, enxerga que ali não era absolutamente nada; apenas mais um prisioneiro, sem precedentes que o culpasse, vale destacar, mas apenas mais um.

No capítulo 22, Ramos se surpreende com atitude de dois negros muito distintos. O primeiro, caracterizado como um “mulato de cara enferrujada” lhe vende uma rede por quinze mil-réis e, misteriosamente, some com o troco (cinco mil-réis), sem deixar rastros. Este fato deixa o escritor pensativo e chateado, não pela quantia, que era relativamente baixa. Se o vendedor pedisse, o escritor poderia ter lhe dado valor maior. Incomodava a atitude de ludíbrio ou como escreveu o memorialista, a “safadeza estúpida”.

Já o segundo negro surpreende positivamente Graciliano, quando já deitado solicita um copo d’água e o negro, sem colocar empecilhos, busca e o serve tranquilamente. A atitude soa como um ato caridoso e misericordioso, ao mesmo tempo em que o narrador confronta as duas atitudes, concluindo que as coisas não se relacionavam e não era merecedor nenhum dos dois tratamentos. Talvez o escritor esperasse que o segundo negro tivesse comportamento de recusa; o que o faria cair nas generalizações. Como isso não aconteceu, abismou-se.

No Capítulo 23, já habituado, mas não convencido de viver naquele porão inabitável, percebe como aquele local sujo os aproximavam. Vejamos esse trecho:

Em dois dias aquela gente começava a familiarizar-se comigo. No quartel, eu e o capitão Mata vivêramos quase duas semanas a tratarmos cerimoniosamente; guardávamos recordações que eram travancas e nos distanciavam. Agora criaturas anônimas falavam-me como se tivéssemos estado sempre juntos. Nenhum receio de molestar-nos suprimindo cortêsias de fato ridículas nas situações em que nos achavam. Lá fora tínhamos ocupações diversas, usávamos linguagem diferentes e nos distinguíamos pelas roupas; ali, no calor, mal vestidos, meio nus, usando vocabulário escasso, fundindo as gírias da caserna e da estiva, parolávamos na inércia forçada e nos íamos depressa nivelando. (RAMOS, 1987a, p.121)

No porão, não havia distinções de cor, raça e, até mesmo, os vícios de linguagem e sintaxe diversificada conseguiam ser compreendidos, haja vista que, ali, estavam presos ladrões da pior espécie e presos políticos, ambos de diversas regiões do país e diferentes níveis sociais, o que, inevitavelmente, influenciava na comunicação. A experiência, no navio, ia servindo para confrontar a realidade do escritor com uma realidade tão hostil. Aos poucos,

o narrador-personagem foi desconstruindo muitos dos seus pré-julgamentos com relação ao outro, o que acabava lhe modificando a forma de pensar e agir.

Mesmo com a quantidade numerosa de habitantes e neste espaço insalubre, o escritor foi obrigado a passar longos dias até a chegada ao presídio no Rio de Janeiro. No porão presenciou e aprendeu, cada vez mais, sobre seu eu. Um eu construído através do contato com seres sem importância para a sociedade, um eu que foi se construindo em meio à sujeira, à pobreza, à escuridão, mas sobretudo, com um olhar, paulatinamente, compreensivo para as diferenças.

Na parte II, “Pavilhão dos Primários”, com um local mais limpo e arejado, sem móveis, o que não era um problema, pois continuava a ser um local habitável e melhor que o porão, Ramos encontra algumas figuras singulares. Alguns eram seus colegas de trabalho, outras ele nunca havia visto. Não diferente do porão do navio, as pessoas do Pavilhão se mostravam solidárias umas com as outras, tal qual afirma o memorialista: “percebi entre meus companheiros uma esquisita amabilidade: antes de pedir, ofereciam. Alguém me veio perguntar se necessitava de qualquer coisa, dinheiro, cigarros. Nada me faltava, agradeçi” (RAMOS, 1987a, p. 170).

Entretanto, a resistência ainda persevera em Ramos e perseveraria até o fim. De todo modo, já via que as pessoas que ali estavam não eram tão distantes quanto julgava. Outra surpresa foi a descoberta de uma rádio no presídio. Uma rádio dos próprios presos, feita com intenção de deixá-los informados e também os divertirem, observemos na passagem a seguir:

– Alô! alô! Fala a Rádio Libertadora.

Não era apenas um divertimento arranjado com o fim de matar tempo e elevar o ânimo dos presos: vieram notícias de jornais, comentários, acerbas críticas ao governo, trechos de livros, *o Hino do Brasileiro Pobre*, algumas canções bastante patrióticas, sambas.

– A Beatriz não vai querer cantar? Disse alguém.

Ir querer, fala estranha, feriu-me o ouvido nordestino. Palmas, aclamações, gritos exigindo o canto de Beatriz Bandeira. Um sussurro doce flutuou longe:

As granadas vêm caindo, Incendiando o meu quartel. (RAMOS, 1987a, p. 171)

Pouco depois, outra forma de distração foi inventada, o xadrez. Feito com migalhas de pão serviam como uma forma de diversão e distração para os encarcerados, vejamos:

Valdemar Birinyi introduziu o jogo de xadrez no Pavilhão dos Primários. Vivia num isolamento profundo, necessitava comunicar-se [...] Certo dia traçou numa folha de alface um tabuleiro de xadrez, fabricou peões, torres, cavalos, bispos, reis e rainhas com miolo de pão, coloriu de azul as peças e as casas pretas. Desde então aquele divertimento nos encheu as horas, venceu as lições, as cantigas da Rádio Libertadora. (RAMOS, 1987a, p. 190)

Ali as coisas simples eram essenciais para todos, elas uniam, faziam-lhes viver em comunhão. Através da condição em que se achavam sabiam que precisavam estabelecer relações amigáveis uns com os outros e isto foi algo que Graciliano tivera que entender antes de qualquer coisa. Também passou a enxergar as pequenas ações como valiosas e impagáveis, pois faltam meios de compensação quando se está encarcerado.

Inúmeras foram as coisas pelas quais passou e descobriu estando em meio aqueles homens. Algumas, conforme dito anteriormente, causavam espanto, mas faziam com que Graciliano fosse obrigado a avaliar sua postura, como ocorreu, por exemplo, com a constatação da existência da homossexualidade dentro do cárcere. Alguns fatos indiciavam que algo “estranho” acontecia no Pavilhão, um preso recusar a liberdade estando naquelas circunstâncias, ou, pior, episódios truculentos de violência sexual. Porém, a certeza do real motivo desses acontecimentos, alguns deles, sombrios veio dias depois. Observemos:

Uma noite ouviram gritos desesperados. Quem eram? donde vinham? não tinham o menor indício. Confinados, fechados, cambiando impressões rápidas à hora do banho, tentamos realizar um inquérito sondando faxinas e guardas. Estes se encerram num mutismo desconfiado; os outros deixaram escapar informações vagas, cochichos, na verdade traições e compromissos – *e daí conseguimos entrar naquele subterrâneo. É sujo e infame.* (RAMOS, 1987a, p. 249, *grifo nosso*)

Os gritos daquela noite eram de um garoto violado. Essa declaração me estarreceu. Como podia suceder tal coisa sem que atendessem aos terríveis pedidos de socorro? Muitos guardas eram cúmplices, ouvi dizer, e alguns vendiam pequenos delinquentes a velhos presos corrompidos – vinte, trinta, cinquenta mil-réis, conforme a peça. Esse comércio é tolerado, desemboca nele parte dos lucros obtidos na indústria mirim da cadeia [...] O dinheiro circula, às vezes serve para amaciar funcionários. Na ausência de mulheres, consente-se o homossexualismo tacitamente. (RAMOS, 1987a, p. 249)

Além de se tratar de um negócio ilegal dentro da prisão que favorecia os superiores com circulação de dinheiro, envolviam vítimas mirins. Meninos sendo vendidos, alguns ameaçados, coagidos dentro da prisão, passando dias com fome, sede, sendo maltratados, tudo para que a relutância findasse e o homossexualismo pudesse acontecer às escondidas. Havia alguns encarcerados que conseguiam escapar da morte com a condição de satisfazerem outros homens, assim como existiam os que consentiam com o ato e eram pagos para isso.

Todas essas descobertas levam o escritor a se certificar de que ali fora o local que mais foi posto frente a frente com as diferenças, em todos os sentidos. A respeito de sua visão sobre essas pessoas, afirma:

As minhas conclusões eram na verdade incompletas e movediças. Faltava-me examinar aqueles homens, buscar transpor as barreiras que me separavam deles, vencer este nojo exagerado, sondar-lhes o íntimo, achar lá dentro coisa superior às combinações frias da inteligência – Provisoriamente, segurava-me a estas. Porque

desprezá-los ou condená-los? Existem – e é o suficiente para serem aceitos. Aquela explosão tumultuária é um fato. Estupidez pretender eliminar os fatos. A nossa obrigação é analisá-los, ver se são intrínsecos à natureza humana ou superfetações. Preliminarmente lançamos opróbrio àqueles indivíduos. Porquê? Porque somos diferentes deles. Seremos diferentes, ou tornamo-nos diferentes? Além de tudo ignoramos o que eles têm no interior. Divergimos nos hábitos, nas maneiras, e propendemos a valorizar isto em demasia. Não lhes percebemos as qualidades, ninguém nos diz até que ponto se distanciam ou se aproximam de nós. Quando muito, chegamos a divisá-los através de obras de arte. É pouco: seria bom vê-los de perto sem máscaras. (RAMOS, 1987a, p. 251)

Esta passagem, situada no capítulo 19 da Parte II, mostra-nos um Graciliano acessível e tolerante às diferenças, que demonstra curiosidade em saber mais sobre essas pessoas. O que há alguns dias atrás pareceria difícil, por se tratar de uma personalidade reclusa e conservadora. No entanto, a mudança de pensamento e de comportamento se torna notável.

Os dias se passavam e o memorialista sem perspectiva de liberdade, imaginando que muito teria que viver no Pavilhão, se põe a lembrar do navio *Manaus* e de seus companheiros. Com tom de saudade, contrapõe os dois locais de confinamento, observemos algumas passagens:

No porão do *Manaus*, tinha-me visto na companhia de pessoas aviltadas, e o ambiente físico me atormentara a princípio. No entanto conseguira habituar-me. Era possível escapar dali refugando-me no camarote do padeiro, na rede a balançar embaixo da escotilha. E a convivência de Lauro Lago, Macedo, Mário Paiva, Benon, João Anastácio, Manuel Leal de nenhum modo me desagradava. Ligeiras incompreensões anulavam-se. Ofícios vários, o sertão e o litoral reunidos, ocasionavam certas divergências de prosódia e semântica, mas essas bagatelas não conseguiam separar-nos. O porão do *Campos* era muito diverso. Justapuseram-se ali duas sociedades inconciliáveis: uma afeita às idéias e aos costumes regulares, mais ou menos confessáveis e permitidos; outra incursa em velhas censuras, em desprezos e temores públicos, dirigindo-se por normas ignoradas cá fora, regras absurdas. (RAMOS, 1987a, pp.263-264)

Os meus companheiros do *Manaus*, em geral miúdos e escuros, muito diferiam dessa gente de outra raça e de outra latitude; vários circulavam no Pavilhão, esquivos, silenciosos, a aparentar desconfiança, vendo provocadores em toda a parte. Fora as discrepâncias no físico, na expressão nas maneiras, persistia nos dois grupos a utilização de objetos aparentemente desnecessários. Intrigavam-me os capotes, verdadeiros suadouros em dias quentes, as redes inúteis entre aquelas paredes lisas. Pouco depois chegou o inverno esses trastes, na ausência de camas, estiraram-se no chão, serviram de cobertores. (RAMOS, 1987a, p. 291)

De acordo com as palavras citadas, por mais difícil que fosse estar no *Manaus*, não havia divisões, a não ser em relação à diversidade linguística, o que não era um impedimento hediondo que causasse maiores desconfortos. No *Manaus*, ele tinha onde se resguardar, como aponta a escotilha, a rede e no camarote do pedreiro, além de viver em comunhão com os outros viajantes.

Já no Pavilhão, a realidade também não deixa de ser fatigante, pois se no *Manaus* as pessoas já eram diferentes, o que dizer de um lugar tão diverso, cheio de costumes incomuns

como no Pavilhão? Lá havia circulação de dinheiro, a homossexualidade consentida ou violenta, as pessoas viviam divididas entre ladrões, vagabundos, malandros, pessoas de costumes regulares e os militares, as chamadas “autoridades”. No Pavilhão, as coisas eram distantes, nenhum “superior” falava com os detidos. O narrador percebendo todo esse cenário díspar lamenta.

A fraqueza sobrevinha ao estado físico e mental do narrador, que envolto naquele espaço confirma “o ambiente novo nos transformava, éramos grosseiros [...] comparando-nos ao militar e ao estivador, certamente nos despojaríamos de qualquer vaidade” (RAMOS, 1987a, p. 279). O Pavilhão e o navio *Manaus*, certamente, não eram lugares que garantissem a integridade física e mental, mas lugares de luta pela sobrevivência. Essa e outras foram lições que o escritor teve que aprender.

Analisando todas as passagens, podemos considerar que o “eu” foi se construindo através de experiências desagradáveis que tiraram o escritor da zona de conforto que era a sua vida antes da prisão. Confrontado pelo nunca visto ou vivido e em convivência forçada com pessoas totalmente estranhas, o narrador aprendeu a se familiarizar com tudo e todos. Durante longo período e diversos lugares passados, cada aprendizado contribuiu para abertura de novas visões, novas concepções e transformação desse “eu” engessado nos moldes sociais e culturais da época.

Logo, podemos pensar e dividir a prisão de Ramos e sua relação com os outros presos em etapas. A primeira etapa, no navio *Manaus*, local onde teve que conviver com pessoas diferentes em diversos aspectos, chamaremos de confronto. Confronto do seu eu com outros que jamais imaginaria ao menos trocar uma palavra.

A segunda etapa, que já começa a despertar no *Manaus*, de onde se lembra com saudades, e toma continuidade no Pavilhão, chamaremos de percepção das singularidades do outro. Nesta, o narrador passa a enxergar o outro para além de generalizações bestas e apressadas. O outro passa a ser como um espelho em que, às vezes, ele se reconhece e, às vezes, não. Assim, começa a entender, se enxergar e questionar através do outro.

A terceira e última etapa será denominada como a representação do outro para o escritor. O que aqueles presos passaram a representar para Graciliano Ramos e, mesmo sendo invisíveis para a sociedade, o memorialista não deixou que passassem despercebidos aos seus olhos. Na construção de *Memórias do cárcere*, o narrador-personagem permitiu que todos ocupassem posição de relevância, seja por atitudes feitas, posições assumidas, olhares lançados, palavras ditas ou não ditas.

Essas etapas foram fundamentais para que o escritor se pensasse como ser individual e também plural, que foi se moldando a partir das percepções que tivera desses outros, igualmente, múltiplos e singulares.

2.2 O ESCRITOR E A REVISÃO DE SI MESMO

Graciliano tinha muitos problemas quanto a se relacionar com outros indivíduos, fato que permaneceu também no cárcere. Apesar de suas limitações, o escritor foi bravamente surpreendido no que diz respeito ao outro, isto porque muitos presos demonstraram para com o autor atos de bondade, generosidade e solidariedade que lhe causaram certo espanto.

Segundo Candido (2006), ao sentir a solidariedade alheia, Ramos espantava-se. Em uma passagem ao lembrar que Capitão Lobo lhe oferecera dinheiro, chega a insinuar que sua memória estaria lhe traindo; simplesmente por não admitir o fato de que um oficial pudesse se dispor a ajudá-lo, pois estava ele numa situação inferior (prisioneiro).

Certo dia capitão Lobo me comunicou:

– O senhor viaja amanhã.

– Para onde?

Hesitou um instante e respondeu:

– Não sei.

Depois corrigiu:

– Não posso responder.

– Diga ao menos se é para o norte ou é para o sul.

Recusou-me a informação e logo sugeriu:

– Veja a lista dos navios e o destino, homem. Abra um jornal.

– Muito obrigado. Enfim para qualquer parte vou bem. O que desejo é ir-me embora.

O oficial encarou-me ressentido:

– Não devia falar desse jeito. O senhor aqui tem amigos.

– Desculpe, capitão. Ofendi-o sem querer. Mas esse plural vem fora de propósito.

Ao cabo de alguns minutos, a conversa findou com uma proposta que me assombrou, ainda me enche de espanto. Não a mencionaria se, anos atrás, num encontro inesperado, o homem estranho, já coronel grisalho, não a confirmasse, vago e indiferente, enquanto me censurava por me haverem fugido da memória as roupas de cama e as toalhas. Sem esse depoimento, não me abalancharia a narrar o caso singular. Difícil acreditar nele, e talvez eu próprio chegasse a convencer-me de que tinha sido vítima de uma ilusão. Tento reproduzi-lo, ainda receoso, perguntando a mim mesmo se se deu aquela inverossimilhança. (RAMOS, 1987a, p. 81)

Capitão Lobo assume lugar de destaque na descrição feita por Graciliano que considerou nobre tal atitude. Tal descrição enriquece sua narrativa e nos mostra as diferentes reações humanas em meio às adversidades. Por causa desses pequenos ocorridos que o escritor, aos poucos, começa a ver e descobrir no próximo qualidades que não via em si e passa a se questionar:

Se nossos papéis estivessem trocados (pergunta noutra conjuntura), haveria eu precedido como ele, acharia maneira conveniente de expressar um voto generoso? Talvez não. Acanhar-me-ia, atirar-lhe-ia de longe uma saudação oblíqua, fingir-me-ia desatento. Essas descobertas de caracteres estranhos me levam a comparações muito penosas: analiso-me e soffro. (RAMOS, 1987a, p. 42)

O escritor reconhece sua incapacidade de expressar ajuda, estando ele no lugar oposto. Sempre bastante pessimista, não admitia que o bem existisse até se deparar naquele local e situação. Certa noite ao sentir sede, pede a um soldado água; o rapaz sem questionar lhe serve alguns copos. Não acreditando em tamanha generosidade, o escritor aponta “precisamos viver no inferno, mergulhar nos subterrâneos sociais, para avaliar ações que não poderíamos entender aqui de cima” (RAMOS, 1987a, p. 118).

Com sua imparcialidade em observar fatos, o escritor que, antes definia aquele meio como improvável para boas ações, muda sua concepção e assume encontrar naquele local inóspito a bondade humana. Bondade que questionava fortemente sua humanidade, causando-lhe intimidação. Como podemos ver na passagem abaixo, no Pavilhão dos Primários, onde recebe um pacote sem dados do remetente:

Amigo indeterminado, enigmática dedicação gratuita. Sim, gratuita. Observando-me por dentro, virando-me pelo avesso, tentei ver se em qualquer circunstância me tornara merecedor daquilo; e perguntei a mim mesmo se me achava capaz de tal delicadeza com outro indivíduo. Respondi pela negativa. Nada fizera, provavelmente nada faria, não me achava inclinado a altruísmo, e a exposição colorida – maçãs vermelhas, peras douradas, enormes uvas brancas – quase me ofendia. (RAMOS, 1987a, p. 212- 213)

Nesta, o escritor questiona sua personalidade e reflete sobre si, descobrindo e avaliando o “eu” frente aquele ato. Em quase todas as ocorrências, Graciliano propunha a se autoavaliar. Com isto, o que se pode constatar é a necessidade de autoconhecimento e a revelação, por parte de atitudes inimagináveis, que o surpreendiam e lhe moldavam dia após dia. Cabe mencionar qualidades advindas do jeito imparcial de Graciliano, apontadas por Candido, como o respeito pela observação e amor a verdade:

Como escritor, era compelido por força invencível a registrar os frutos da observação segundo os princípios da verdade. Apesar de toda a severidade para com a própria obra e o pavor vaidoso de lançá-la à publicidade, não pôde deixar de escrever, estilizar, ou, mais tarde, registrar o que via. (CANDIDO, 2006, p. 81)

O que reforça a persistência do escritor para a narrativa, se levarmos em consideração que fazer a descrição de todo o horror desde o porão do navio até sua saída era tarefa tediosa. Mas como um sobrevivente e, por acreditar que “a experiência é condição da escrita” (CANDIDO, 2006, p. 82), apropriava-se disso para a construção de seus volumes, impulsionado a vencer todas as suas limitações.

Na tentativa de seguir uma linha de coerência, entre a lucidez e o delírio, vai aos poucos confrontando o modo de ser dos outros e o seu, revelando lacunas e qualidades existentes em ambos. Devemos ainda lembrar e saber que o escritor passou por muitas situações as quais o transformaram profundamente. Tendo ele consciência disto, pós prisão. Essas transformações aconteceram pela reflexão do eu, que tendo aprendido a estabelecer relações de convivência com os companheiros de cárcere se vê espelhado nesses seres, tanto em momentos de semelhança, quanto de diferenças; seja de atitudes ou comportamentos.

A prisão nos sujeitava a duros abalos e surpresas constantes. Observadas nos outros, certas mudanças me assustavam; depois descobria em mim mesmo sinais de anormalidade – e tornava-me apreensivo. (...) O ambiente novo nos transformava, éramos grosseiros. Queda enorme, o instinto nos dominava. (RAMOS, 1987a, p. 279)

Dada ao outro a atribuição de responsáveis pela sua motivação para a escrita, o memorialista aponta: “Fiz o possível para entender aqueles homens, penetrar-lhes na alma, sentir as suas dores, admirar-lhes a relativa grandeza, enxergar nos seus defeitos as sombras dos meus defeitos” (RAMOS, 1987a, p. 24). Graciliano se coloca como alguém que queria entender o outro através da comparação feita consigo. Notória diferença de quando logo no início da narrativa, se define como alguém que evita falar com desconhecidos por achá-los inacessíveis e distantes. Desconhecidos estes que se revelaram de extrema importância na reconstituição da trajetória carcerária, visto que suas recordações pessoais sempre estavam concentradas em experiências vividas em conjunto.

Ao longo de todo o texto, há uma figuração e desfiguração do eu, em que pode ser interpretado como o desejo de encontrar-se no texto. Vimos, até então, algumas situações que proporcionaram mudanças internas na vida e pensamento de Graciliano e que fizeram o autor de *Memórias do cárcere* avaliar-se a partir das ações de outros. Citaremos, também, a principal mudança externa, como a saída do narrador-personagem da Colônia Correccional para a Casa de Correção; onde em frente ao espelho o autor vê uma aparência desconfigurada que lhe causa desconforto e estranhamento:

Estava medonho. Magro, barbado, covas no rosto cheio de pregas, os olhos duros encovados. Demorei-me um pouco diante do espelho. Não podia ver-me na Colônia, de nenhum modo avaliava os estragos, a medonha devastação.
- Que vagabundo monstruoso! (RAMOS, 1987b, p.456-457)

Durante todo o período o que percebemos são mudanças positivas e a descoberta de um eu adormecido dentro do velho Graça, como era chamado pelos amigos. Mesmo não tendo consciência dessas mudanças na prisão, longe dela foram necessários longos e

reflexivos anos para tal. Mas reconhecendo a importância, ao assumir o papel de reconstituir suas memórias sabia onde queria chegar e pelos quais motivos realizaria os volumes. Em uma passagem não afirma, mas sugere:

Aqui findo o resumo dos empecilhos até hoje apresentados à narração que inicio. Terão eles desaparecido? Alguns se atenuaram, outros se modificaram, determinaram o que impediam, converteram-se em razões contrárias. Estarei próximo dos homens gordos do primado espiritual? Poderei refestelar-me? Não. Felizmente. Se me achasse assim, iria roncar, pensar na eternidade. Quem dormiu no chão deve lembrar-se disso, impor-se disciplina, sentar-se em cadeiras duras, escrever em tábuas estreitas. Escreverá talvez asperezas, mas é delas que a vida é feita: inútil negá-las, contorna-las, envolve-las em gaze. Contudo é indispensável um mínimo de tranquilidade, é necessário afastar as miseriazinhas que nos envenenam. Fisicamente estamos em repouso. Engano. O pensamento foge da folha meio rabiscada. Que desgraças, inomináveis e vergonhosas nos chegarão amanhã? Terei desviado esses espectros? Ignoro. [...] Estamos livres das colaborações de jornais e das encomendas odiosas? Bem. Demais já podemos enxergar a luz a distância, emergimos lentamente daquele mundo horrível de treva e morte. Na verdade estávamos mortos, vamos ressuscitando. (RAMOS, 1987a, p. 22)

Para Ramos, mostrar ao mundo o que ele e seus companheiros viveram, era bem mais que uma necessidade, era um compromisso com todas aqueles que nunca seriam ouvidos. Todo o vivido, de certo mexeu profundamente com o nosso escritor/ narrador/ personagem que buscando revelar o que de fato foi viver o cárcere junto com todos aqueles homens, acaba não só assim o fazendo, mas nos mostrando como ele, “escondido” por trás do “pronomzinho irritante” foi afetado grandiosamente.

A revisão do escritor acontece graças ao outro que o faz se repensar. Quando o autor se coloca frente aos desconhecidos e se aproxima deles, várias coisas começam a ser disseminadas em sua mente. O que ele era frente a este outro e o que precisou mudar, muito provavelmente foram perguntas que o acompanhou depois do cárcere. Se pensarmos na possibilidade de dividir a vida de Graciliano, esta seria organizada entre vida antes do cárcere e vida após o cárcere.

Sua vida e sua personalidade foram remodeladas. Ramos jamais foi o mesmo após tal acontecimento. Seu jeito de pensar o mundo já não era mais o mesmo, assim como sua escrita, que posta em novos moldes, trazia como ponto crucial a ser discutido a realidade, através de uma linguagem resistente e sem artificialismo.

O que precisa ser compreendido sobre a revisão de si de Graciliano é que o externo, assim como o interno, passaram por longos processos durante esses dez anos após a liberdade. Não foi de uma hora pra outra que Graciliano pode avaliar-se e compreender-se modificado. Tudo demandou tempo. O que viu e viveu lhe deu bases necessárias para entender a diversidade e se entender como indivíduo submerso nesse meio. Sua essência já não era mais

a mesma, havia passado por tantas mudanças, estas irreversíveis, que poderiam ser comparadas com tatuagens gravadas em sua memória.

3 ALTERIDADE E VIDA COLETIVA

Submetido ao impacto da violência e da dor na prisão, Graciliano Ramos encontrou, na outra ponta da extremidade em que lançaram seu corpo, outro corpo. (NEVES, 2015, p. 99)

Os processos pelos quais Graciliano passou para enxergar o lugar do outro foi longo. O memorialista teve que entender, considerar diferenças e, até mesmo se reconhecer insuficiente ou obtuso, algumas vezes, em determinadas atitudes. Em contato forçado, a relação com os demais foi sendo construída a base de muita cautela e observação. O escritor já havia percebido que, assim como na sociedade as pessoas eram divididas e classificadas pelo modo que agiam e o que faziam, na prisão não era diferente.

Porém alguns papéis ali eram inversos e quem mandava fora da prisão passou a ser mandado dentro, assim quem estava à margem passou a liderar. Entre esses indivíduos o escritor encontrou: intelectuais, ladrões, políticos, militares, ateus, beatos, membros do PCB, entre outros. Em meio a tudo isso, estava ele submerso numa nova geografia humana refazendo as classificações dos indivíduos de maneira que nunca imaginou antes, como considera Rodrigo Neves (2015).

Essa seção vai apresentar alguns dos inúmeros personagens que contribuíram positivamente para a mudança de Graciliano frente ao desconhecido, tido por ele no início como uma ameaça, em diferentes espaços, no Porão do *Manaus*, Pavilhão dos Primários e, também, na Colônia Correccional. Serão analisadas situações relevantes que nos levam a entender o motivo dessa mudança de perspectiva.

A questão das relações e vida coletiva será estudada pela vertente da alteridade, que tem como definição no *Dicionário Aurélio*: "[Do lat. *alter*, 'outro', + *-(i)dade*.] Substantivo feminino. 1. Filos. Qualidade do que é outro (q. v.)". O conceito é aplicado ao estudo da alteridade no caso de Ramos e seus companheiros, denotando a relação de interação e dependência de um homem com os outros, na sua vertente social. O estudo da alteridade faz parte das áreas da Filosofia e da Antropologia, no que se refere à qualidade ou o estado do que é outro, de alguém que é diferente. O antropólogo Carlos Rodrigues, explica a questão:

O diferente é o outro, e o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade: a descoberta do sentimento que se arma dos símbolos da cultura para dizer que nem tudo é o que eu sou e nem todos são como eu sou. Homem e mulher, branco e negro,

senhor e servo, civilizado e índio... O outro é um diferente e por isso atrai e atemoriza. É preciso domá-lo, depois, é preciso domar no espírito do dominador o seu fantasma: traduzi-lo, explicá-lo, ou seja, reduzi-lo, enquanto realidade viva, ao poder da realidade eficaz dos símbolos e valores de quem pode dizer quem são as pessoas e o que valem, umas diante das outras, umas através das outras. Por isso o outro deve ser compreendido de algum modo, e os ansiosos, filósofos e cientistas dos assuntos do homem, sua vida e sua cultura, que cuidem disso. O outro sugere ser decifrado, para que os lados mais difíceis de meu eu, do meu mundo, de minha cultura sejam traduzidos também através dele, de seu mundo e de sua cultura. Através do que há de meu nele, quando, então, o outro reflete a minha imagem espelhada e é às vezes ali onde eu melhor me vejo. Através do que ele afirma e torna claro em mim, na diferença que há entre ele e eu. (BRANDÃO, 1985, p. 1)

Deste modo, o “eu”, em sua forma individual, só tem razão de existir através do contato com o “outro”, ou com o coletivo que o envolve; como veremos nas subseções a seguir.

3.1 O OUTRO PARA ALÉM DOS TRAÇOS FISIONÔMICOS

Em seu período de cárcere, Ramos conheceu muitas pessoas, as quais se tornaram peças-chaves para construção e reconstrução do seu “eu”. Estas pessoas assumem papéis imprescindíveis quando, saindo das vãs impressões concebidas pelo escritor, passam a ser enxergadas e consideradas confiáveis aos seus olhos.

A primeira delas foi capitão Mata, companheiro de viagem para o quartel. O escritor em primeiro momento o descreve como “um homenzinho moreno cheio de tiques risonhos” (RAMOS, 1987a, p. 39), ao longo da viagem vê em capitão Mata amabilidade e conclui não ter dado tanta atenção ao novo conhecido, durante o percurso.

Voltando-me, percebi ao meu lado capitão Mata expansivo, amável, a dizer-me coisas que não entendi bem. Formei sobre elas um juízo confuso, alterei-o e corriji-me depois, mas a princípio, desatento e mudo, com certeza dei ao rapaz uma impressão lastimosa. (RAMOS, 1987a, p. 47)

Neste trecho já é possível perceber o quanto o escritor é defensivo, sempre avaliando o outro, colocando-o num lugar de ameaça como alguém que deve ser analisado e investigado antes de qualquer aproximação. Ao longo dos dias de convivência com o capitão Mata, o escritor já havia percebido peculiaridades que o diferia muito do companheiro.

Éramos antípodas. Enquanto me ocupava numa única miudeza, ele aprendia muitas, relacionava-se, e alcançava rápido o conjunto; falava em demasia, sem se incomodar com meus silêncios, de ordinário informando, quase nunca fazendo uma pergunta... Nunca vi pessoa mais precavida. Nem mais econômica. Tinha necessidades muito escassas, não fumava, e enquanto vivemos juntos creio que se absteve de qualquer despesa. De nenhum modo se julgava humilhado, suponho: naquela segurança,

naquele bom humor, sempre a mexer-se, parecia exercer uma função militar e necessária. (RAMOS, 1987a, p. 53)

Capitão Mata fora um grande companheiro para Graciliano durante todo período em que estiveram juntos. Foi seu primeiro parceiro de cela e a seu modo conseguia informações com soldados e oficiais sobre outros detidos e outras prisões e lhe comunicava.

Capitão Lobo foi o segundo personagem que ganha destaque para o narrador, porém para entendermos esta relação, partiremos para uma análise. Como podemos observar, Graciliano era desconfiado quando o assunto eram os militares. Contudo, este posicionamento inicial é explicável e passa a não ser generalizador frente a suas experiências com este grupo. O primeiro com quem teve contato, o soldado, que o levava preso, reforça a antipatia que estes lhe inspiravam; um pouco depois quando está no quartel é muito bem recepcionado por outros militares, o que lhe causa estranhamento. No mesmo período, conhece Capitão Lobo, o que nos leva a pensar que a relação estabelecida com esse militar pode ser o ponto de ruptura do seu pensamento preconcebido contra a classe.

Capitão Lobo se apresenta para Ramos como alguém distante, sem aproximações, mantendo a hierarquização entre preso e militar. A relação dos dois a princípio é conflitante. O semblante sério e penetrante chama atenção do escritor, assim como o fato de não sentar-se na cadeira, quando Ramos cautelosamente a puxa como se a oferecesse e Lobo finge não perceber. A respeito deste primeiro contato Ramos afirma:

Impossível qualquer aproximação. Pouco inclinado a desabafos, certamente não ia expandir-me a um desconhecido, talvez disposto a analisar-me. De minha parte observava-o e a observação não me induzia a desconfiança. A linguagem clara, modos francos, às vezes estabados, a exceder os limites da polidez comum, diziam-me que ali se achava um homem digno. (RAMOS, 1987a, p. 55)

Um pouco mais adiante capitão Lobo surpreenderá Ramos ao afirmar: “Respeito as suas ideias. Não concordo com elas, mas respeito-as” (RAMOS, 1987a, p. 59). Desta forma, percebemos, neste acontecimento, uma tentativa de aproximação entre os dois em que o respeito prevalecesse independente de opiniões contrárias. Ramos, nitidamente desconfiado, assume ter estremecido e fica receoso sem saber quais as intenções de Lobo com aquela confissão e declara: “Desagradava-me pensar que aquele homem vinha falar-me com intuito de extorquir uma confissão, mas desviei o pensamento malévolos. A sinceridade transparecia no rosto claro” (RAMOS, 1987a, p. 59).

Para o memorialista, ao mesmo tempo em que o capitão Lobo é imponente, ele consegue enxergar, ainda que sem certezas, uma imagem de bondade naquela figura do militar. Outro fato que o coloca em reflexão é quando Lobo o repreende por ter usado o

banheiro que não era para os presos; algo normal para Graciliano e totalmente ofensivo para o capitão que aponta: “Se o senhor fosse militar, seria punido e compreenderia o que fez” (RAMOS, 1987a, p. 70). Ramos compreende que infringiu uma ordem que Lobo como militar conhecia bem.

Não julgou a atitude repreensiva como algo ruim, mas sim como uma advertência justa vinda de alguém que, antes mesmo de conhecer-lhe, foi tolerante e bondoso. Tais situações fizeram com que o narrador questionasse os motivos pelo quais alguém agiria assim com um simples preso e isso o fez desejar conhecer mais do outro. Como podemos observar:

Desejo de ir além das aparências, tentar descobrir nas pessoas qualquer coisa imperceptível aos sentidos comuns. *Compreensão de que as diferenças não constituem razão para nos afastarmos, nos odiarmos.* Certeza de que não estamos certos, aptidão para enxergarmos pedaços de verdades nos absurdos mais claros. Necessidade de compreender, e se isto é possível, *a pura aceitação do pensamento alheio.* (RAMOS, 1987a, p.70, *grifos nossos*)

Pouco tempo depois, o escritor é novamente surpreendido, com a proposta de empréstimo feita por Capitão Lobo. É através dessa atitude que o escritor reavalia seus conceitos referentes aos militares. Para Ramos seria impossível um militar agir de modo semelhante. Mesmo tendo recusado a oferta, mantém-se um pouco confuso em meio às circunstâncias que o fazem repensar seus conceitos estabelecidos e solidificados referentes aos outros:

Pois no momento de me despedir o homem seco me lançava a proposta alarmante. Não me cansava de examiná-la, revirá-la por todos os lados, sem alcançar entrever nela vestígio de senso comum. Um cidadão aparentemente normal decidia ferir os seus interesses e, coisa mais grave, os interesses de suas classes, envoltos em manto sagrado. (RAMOS, 1987a, p. 85)

Graciliano busca todas as explicações possíveis, agarrando-se a questões sociais e situações em que a atitude do capitão não seria admitida. “Não. Decerto não me libertaria de todo. Já ali começava a sentir uma nova prisão, mais séria que a outra, a confundir-me terrivelmente as idéias” (RAMOS, 1987a, p. 83). Aqui o escritor explica seu sentimento de confusão frente à atitude de capitão Lobo, pois, a partir deste acontecimento, ele é mantido preso e obrigado a aceitar que os comportamentos não podem ser limitados a seu juízo. Desta forma, seus pensamentos estavam se voltando para esse novo conceito que lhe angustiava.

O contato com o capitão Lobo colocou Ramos em situação de reavaliação de suas crenças a respeito dos outros. Reavaliação necessária, para que a mudança em seu

pensamento pudesse acontecer de fato. A relação estabelecida entre ambos concebeu boas lições que o escritor jamais imaginou aprender e que o fez levar para toda vida.

No *Manaus*, surgem figuras imprescindíveis para entendermos a transposição desses seres que antes eram desconhecidos, para pessoas fisionomicamente distintas. Ao entrar no Manaus o que Graciliano vê são apenas neblinas que lhe dificultaram bastante a visão e algumas lâmpadas penduradas no teto. O que não facilita, por ser um porão bem escuro. Ao local é dado o nome de trevas luminosas. E o único meio que o escritor utiliza para perceber a presença de pessoas ali, foi através dos sons: “confuso burburinho anunciou a multidão que ali se achava” (RAMOS, 1987a, p. 93).

Em análise metafórica, de acordo com Rodrigo Jorge (2015, p. 102) “Ao tentar 'sondar a bruma cheia de trevas luminosas', Graciliano reconhece a dificuldade de enxergar o Outro, mesmo tão perto. Os presos no porão do navio, eram como lâmpadas em teto baixo ao alcance da mão.” Mas, mesmo tão próximos, se tornavam distantes pela dificuldade de conhecer o outro, entender o que esse outro era, vê-lo para além da fisionomia. Enxergar o externo.

Uma das primeiras situações inesperadas se referem a um homem que lhe cede fósforos. Em uma noite ao desejar acender um cigarro o escritor solicita-o e imediatamente é atendido, frente a este pequeno e significativo fato, ele considera:

O pensamento se obliterou, supondo que delirei, uni a minha voz às divagações estertorosas dos prisioneiros. As sensações amorteceram [...] E as figuras em roda, aumentavam, diminuíam, aproximavam-se, afastavam-se, fundiam-se, desagregavam-se, numa dança de fogos- fátuos isenta de significações. (RAMOS, 1987a, p. 99)

Este homem é chamado pelo escritor de “sujeito invisível” e assume papel subjetivo na construção representando a ocultação social desses indivíduos. Ali, ele era alguém que existia, mas que o escritor não via. O que não era justificado apenas em decorrência da escuridão.

No dia seguinte, certo de que iria agradecer a pessoa que se compadecera e tivera o gesto gentil com os fósforos, acaba se estranhando com o vizinho de compartimento quando o vê usando um rosário, símbolo de devoção. Ambos se intrigam, pois sendo Graciliano ateu, não acreditava em nada que estivesse ligado à religião.

Desde então o rapaz invisível, chamado de José Inácio desviava-se de Ramos e o olhava com olhar torvo e rancoroso toda vez que se encontravam por um acaso no navio. Mesmo com este ocorrido o escritor considerou papel importante o deste personagem por lhe

ser tão solícito quando ele menos imaginava. Servir alguém que não conhece foi uma atitude nobre, que jamais imaginou acontecer com ele naquele local.

Carlos Van Der Linden, sujeito magro, pálido com ar simpático, impressiona o escritor que enxerga neste indivíduo uma dor serena e profunda. Acusado, sem provas, de fazer parte da polícia, o escritor tenta entender a origem do mal-entendido buscando a veracidade dos fatos: “como as informações se multiplicassem, tentei saber em que se baseavam. Nada de concreto: sugestões malévolas apenas. Indícios confusos encorpavam ali dentro, ganhavam relevo, mudavam-se em provas” (RAMOS, 1987a, p. 113).

Em outras palavras o escritor defende que no porão do navio qualquer distanciamento era motivo de desconfiança e invenções por parte dos outros presos. Até ele fora vítima de uma dessas acusações e desconfiou quando vieram lhe contar sobre esses segredos que envolviam Carlos Van Der Linden: o que justificaria? Evitou-os.

O escritor consegue sentir empatia com Van Der Linden e se coloca no lugar desse indivíduo que, até o momento, é julgado sem provas concretas. Com isto, aprende uma lição dolorosa: “É uma desgraça necessitarmos esses pontos de referência para aguentarmos uma situação difícil: vemos que alguém sofre mais que nós e deixamos de julgar-nos muito infelizes” (RAMOS, 1987a, p. 115).

Outros dois personagens surgem em *Memórias do cárcere* como figuras emblemáticas, mas essenciais para se entender o comportamento alheio, estes são comparados pelo narrador. O primeiro, um negro que ao lhe vender uma rede rouba-lhe o troco, que não era de grande coisa, tal comportamento o aborrece imensamente. O segundo, também negro, em uma noite pega água para Graciliano e o surpreende de maneira positiva. Quanto atitude de ambos, respectivamente, o narrador dispara:

Ali me havia surgido uma alma na verdade misericordiosa. Ato gratuito, *nenhuma esperança de paga*; qualquer frase conveniente, resposta de gente educada, morreria isenta de significações. Na véspera outro desconhecido, *negro também*, me havia encostado um cano de arma à espinha a à ilharga [...] *os acontecimentos me pareciam desprovidos de razão, as coisas não se relacionavam. A violência fora determinada apenas pela grosseria existente no primeiro negro; o ato caridoso pela bondade que havia no coração do segundo.* (RAMOS, 1987a, p. 118, *grifos nossos*)

Observando algumas palavras que foram destacadas da citação, podemos considerar que, a primeira: “nenhuma esperança de paga” está fortemente relacionada a atitude feita sem interesses. Vale considerar que o meio social do escritor, o fazia acreditar que as pessoas jamais fariam algo sem que pudessem ser recompensadas. E o primeiro negro, contrariou sua

crença neste único modelo social, que era o modelo referencial que tinha, de acordo com o meio em que vivia.

A segunda: “negro também”, nos revela um Graciliano preconceituoso, não um preconceito relacionado unicamente à raça, mas de um modo amplo ele era preconceituoso quanto à classe, ao meio social, à linguagem, entre outros. E quando enfatiza que o outro também era negro, reforça o pensamento preconceituoso e comparativo entre dois seres que possuem a mesma cor, o que é algo determinante na visão do narrador, porém agem de modos destoantes para sua surpresa. Assim como as expressões que se complementam: “violência” relacionada ao primeiro negro e “ato caridoso” ao segundo.

A terceira: “os acontecimentos me pareciam desprovidos de razão, as coisas não se relacionavam”, o escritor sentiu-se desorientado com ambas atitudes, pelo simples motivo de que não esperava nenhum dos comportamentos. Se não esperava que fosse roubado, muito menos que fosse agraciado com atitude bondosa de alguém num lugar como o porão do navio. Por isso, os acontecimentos eram desprovidos de razão. Outro fator, é não acreditar em atitudes tão diferentes por mais que fossem feitas por pessoas tão parecidas, de acordo com sua visão de sociedade. Refletindo sobre tudo o que tivera lhe ocorrido, em curto período de tempo, o escritor nos revela seu comportamento observador e inquiridor:

Era razoável observá-los com frieza, alheio e distante. Impossível. Insensibilizava-me à brutalidade, encolhera os ombros indiferentes, como se não fosse comigo; tinha-me habituando a ela na *existência* anterior, dirigida a mim e a outros. Não podia *esquivar-me àquela piedade que ali espreitava o fundo do porão*, em busca de sofrimentos remediáveis. Nunca percebera, em longos anos, casos semelhantes. As idéias desmaiaram, fugiram, e, aos embalos doces da rede cai num sono de pedra. (RAMOS, 1987a, p. 119, *grifos nossos*)

Na passagem, Graciliano fala de uma antiga “existência” o que nos dá margem para pensar que para ele sua vida antes do cárcere tivesse se findado e ali ele tivesse uma nova, fosse uma outra pessoa. Talvez essa consciência não tenha chegado quando ele estava preso e sim após a saída, quando finalmente pôde observar, minuciosamente, cada detalhe de sua experiência.

Ali tudo era exagerado demais, as informações eram muitas para assimilar, assim como a quantidade de presos. De acordo com o autor, ele possuía uma lista de nomes para não se confundir ao falar com alguém e ainda se atrapalhava, pois diariamente surgiam novas figuras. Ramos se incomodava com o local, a sujeira, o fervilhar de homens, mas de uma coisa ele não poderia reclamar: a receptividade daquelas pessoas. Como podemos observar:

Em dois dias aquela gente começava a familiarizar-se comigo. No quartel, eu e capitão Mata vivêramos quase duas semanas a tratar-nos cerimoniosamente; guardávamos recordações que eram travancas e nos distanciavam. Agora criaturas anônimas falava-me como se tivéssemos estado sempre juntos. Nenhum receio de molestar-nos suprimindo cortesias de fato ridículas nas situações em que nos achávamos. (RAMOS, 1987a, p. 121)

De acordo com esse trecho, podemos perceber que as distâncias informadas talvez estivessem relacionadas a questão da formalidade que havia no quartel e que não tinha no Manaus. Por mais que toda a relação fosse baseada em muita observação por parte do memorialista, a receptividade e familiarização tornavam aquele espaço menos denso.

Paulo Turco também fez parte dos personagens que, de certa forma, impressionou Ramos. Sírio, de nome Paulo Antônio, ficou conhecido no presídio como Paulo Turco. Condenado a mais de vinte anos de prisão, conduzia o escritor a acreditar que o crime cometido era grave. Graciliano passa a observar que todas as sextas-feiras, Paulo recebia a visita de duas “mulatinhas” e isto o deixava curioso por não acreditar em laço sanguíneo entre ambos: “comportavam-se exatamente como filhas, mas com certeza não havia ali parentesco. Cinzentas, desbotadas e nacionais, muito diferiam do oriental, semita puro. Por que razão o grande nariz adunco se aproximava das ventinhas chatas?” (RAMOS, 1987b, p. 503).

Mais tarde tomando conhecimento da história, sabe que Paulo Turco é, na verdade, o responsável pelas meninas, netas de uma mendiga que um dia ele ajudara. Mesmo sendo um criminoso encarcerado tinha responsabilidades familiares as quais se dedicava com afinco. Isto impressionava o escritor:

Paulo Turco era, se não me engano, assassino e ladrão. Contudo inspirava respeito. E aquele procedimento levava-me a admirá-lo. A extraordinária antinomia me assombrou: um vivente nocivo, capaz de matar, roubar, sacrificava-se para manter e educar pessoas encontradas por acaso, muito diferentes dele. E pergunte a mim mesmo se a virtude singular não compensava as faltas anteriores. Uma dúvida me torturava: se Paulo Turco se libertasse, praticaria novos crimes ou buscaria ofício honesto para sustentar as pobres? (RAMOS, 1987b, p. 504)

Todas essas indagações quanto ao futuro de Paulo Turco fora dali, no final não tinha tanta importância, pois apesar do local em que estava e das circunstâncias em que se encontrava, Paulo Turco não deixava de praticar algo incompreensível que eram suas ações generosas.

Para concluir, podemos considerar que todos os personagens citados, até primeiro momento, eram vistos com olhar distante, tidas como pessoas que não inspiravam confiança, justamente, por fazerem parte das piores classes possíveis. No entanto, a passagem dessas pessoas para o lugar de confiáveis cria questionamentos, pois como e quando passam a ser

confiáveis? Acreditamos que quando saem do crivo de julgamentos adotado pelo memorialista e são vistos além das aparências e tipificação, mas isto só acontece quando o escritor passa a enxergar essas pessoas, pois ele as olhava não tinha a dimensão do quão estas eram infinitas em suas particularidades. A partir de então, assume, para além de papel observador distante, a reflexão sensível, antes mesmo de julgar e delimitar.

3.2 SAINDO DA MULTIDÃO

Na seção anterior pudemos observar o quanto Graciliano tinha dificuldade em ver o outro e como fez para saber, assim que chegou ao porão, que ali havia pessoas: pelo barulho das vozes, que o levou a deduzir que estava em meio à multidão. Durante longo período, o escritor conviveu com multidões de pessoas e não as conheceu mesmo estando todos no mesmo local. Porém, com o decorrer dos dias vimos que alguns personagens ganharam “destaque” na visão do escritor e passam a compor as linhas de *Memórias do cárcere* com certa importância.

Em outras palavras, essas pessoas se destacam em meio às multidões, ganham características próprias e vozes. Diferente de alguns outros personagens já mencionados como parte de lembrança ou responsáveis por determinadas atitudes, estas atuam com protagonismo na narrativa, como é o caso de Gaúcho, Cubano e Paraíba.

Graciliano conhece Gaúcho na *Colônia Correccional* e o descreve da seguinte maneira: “rapagão espadaúdo, simpático, o olho vivo, de gavião. Uma curiosa madeixa de cabelos brancos enfeitava-lhe a testa e o lábio superior se erguia, descobrindo os dentes, num sorriso sarcástico. Fisionomia aberta, ar decidido” (RAMOS, 1987b, p. 354). Vanderlino, um dos seus companheiros de prisão, não se receou um momento sequer ao apresentar Gaúcho, vejamos:

Admirou-me a franqueza de Vanderlino ao dizer o nome e o ofício da personagem.
— Gaúcho, ladrão, arrombador. [...] Apertando-lhe a mão, declarei ter muito prazer em conhecê-lo. Tinha. Não era apenas curiosidade. Finda a surpresa, confessei a mim mesmo que poderia tornar-me sem esforço amigo do ladrão. A firmeza, a ausência de hipocrisia, a coragem de afirmar, tudo revelava um caráter. (RAMOS, 1987b, p. 354)

A partir de então, Ramos e Gaúcho passaram a ter laços de amizade, quase sempre Gaúcho o procurava à noite e passava horas contando-lhes suas aventuras. O escritor confessa esforçar-se para entender algumas gírias, mas gosta de ouvi-lo. No terceiro encontro ouve de Gaúcho a seguinte observação:

- Vossa mercê usa panos mornos comigo, parece que tem receio de me ofender. Não precisa ter receio, não; diga tudo: eu sou ladrão.
- Sim, sim, retruquei vexado. Mas isso muda. Lá fora você pode achar ofício menos perigoso.
- Não senhor, nunca tive intenção de arranjar outro ofício, que não sei nada. Só sei roubar, muito mal: sou um ladrão porco. (RAMOS, 1987b, p. 375)

Tais afirmações serviram para reforçar o quando os que se achavam importantes e superiores reforçavam esse tipo de pensamento nas minorias, aos homens tidos como comuns. Contudo, o que o memorialista quer é justamente retratar essas pessoas comuns e confessa a Gaúcho o seu interesse em lhe pôr em um livro, o personagem logo gosta da ideia e reforça que de sua vontade poderia colocar um retrato.

Os dias iam passando e os relatos do ladrão prendiam cada vez mais a atenção do escritor que pedia minúcias dos casos que lhe rendiam boas risadas, como podemos observar um de seus relatos:

- A curiosidade me levava a pedir minúcias:
- Ó Gaúcho, como é que você consegue destrancar uma fechadura?
- O paciente indivíduo não se espantava da minha ignorância, mencionava a caneta, usava expressões técnicas obscuras. Aproximava-me do rosto o indicador e o polegar, manejava delicadamente uma pinça imaginária, introduzia-a num buraco, segurava com ela a ponta de uma chave, ia movendo a mão — assim — para os lados, avançava depois os dedos para os meus olhos. Falava com abundância — e a palavra e o gesto davam-me idéia viva da operação: vencido o obstáculo, a chave, impelida para diante, caía.
- Mas isso faz barulho, Gaúcho.
- Não senhor. Eu estiro um número do *Jornal do Brasil* por baixo da porta. Puxo o jornal e trago a chave. Se ela não vier, meto a gazua na fechadura. Explicava a maneira de cortar uma vidraça, com diamante. Dava um murro no vidro, que se deslocava, batia sem rumor em cima do *Jornal do Brasil*.
- Ó Gaúcho, informei-me estranhando a repetição, porque essa preferência? Outro jornal não serve?
- O ladrão refletiu e esclareceu, muito grave:
- Vossa mercê compreende: o *Jornal do Brasil* tem mais páginas, é mais grosso. *Vanderlino, na esteira próxima, divertia-se. E Gaúcho, exposta essa utilidade nova da imprensa, estendia-se por um dos seus numerosos casos.* (RAMOS, 1987b, p. 379, grifo nosso)

Gaúcho sabia como agir de modo sem que desconfiassem, era o verdadeiro malandro que aplicava golpes e furtos para sobreviver, arquitetou ainda na Colônia seu plano de fuga. Primeiro, vendeu sua cama a Graciliano, pois não precisaria mais dela, depois deixou que o soldado lhe batesse alegando que tal ocorrido, além de ser como um treinamento para não enferrujar e aguentar voltar a seu trabalho de arrombador quando saísse dali, resultaria em seu deslocamento para as vigas; local de trabalho pesado e castigos. Seria de lá que iria fugir.

Como vemos, o ladrão e arrombador possuía muitas artimanhas na execução de seus roubos e fugas e são esses detalhes que o memorialista trata em *Memórias do cárcere*, fatos

que prendem o leitor ao longo dos capítulos 11, 13, 17, 23, 24 e 28 da terceira parte. Seis no total, que foram dedicados a este personagem e suas histórias engraçadas que fazem o leitor esquecer que se trata de uma obra referente ao período ditatorial.

Certa vez, ainda deitado no chão onde tentava descansar Ramos, é acordado pelo grito de um negro que fazia a chamada e ordenava os presos em fila: “— O seu número é 3535, anunciou” (RAMOS, 1987b, p. 362), o escritor assume espanto ao ter seu nome trocado por quatro algarismo.

O negro que lhe acordara era Cubano: “Cubano dispunha de autoridade enorme. Na falta dos guardas ou do anspeçada Aguiar, mandava e desmandava; submetia-nos disciplina rigorosa e uma denúncia dele trazia os castigos mais duros a qualquer um.” (RAMOS, 1987b, p. 362). Suas características apontadas pelo escritor, eram:

Era um sujeito de meia altura, encorpado, grave, de fala macia. O cocuruto principiava a desnudar-se, ia tomando feição de tonsura. Caminhando, movia-se todo, para um lado, para outro, como se as juntas não funcionassem bem. Essa maneira de andar, reumática, dava-lhe jeito de boneco e de longe o tornava reconhecível pelas costas. Naquela manhã apenas me disse e repetiu o número do batismo: 35.35. Ou 33.35, não me lembro direito. (RAMOS, 1987b, p.362)

Mas o narrador só perceberá bondade em Cubano quando, em certa ocasião, o mesmo se oferece para guardar suas roupas, haja vista que no presídio o narrador costumava carregar suas coisas para não ser roubado e, neste dia, havia molhado suas roupas. Observemos:

Aí principiou a revelar-se a bondade estranha de Cubano, imperceptível quando ele cantava a lista da chamada e reunia o pessoal nas formaturas. O ar de tédio, gestos maquinais de fantoche; ninguém adivinharia aí um coração. Achei, contudo, que me ia tomar amigo daquele negro vagabundo, e não me iludi: a amizade até hoje resistiu. Era uma criatura esquisita, empenhada constantemente em nos prestar algum serviço, obrigando-nos às vezes a aceitá-lo à força. Nunca vi ninguém assim. Notando-me o apuro em descobrir lugar para a farpela enxovalhada, Cubano chegou-se, áspero e breve:

- Eu guardo a sua roupa.
- Será que você tem onde guardá-la, Cubano? hesitei, receando furto.
- Não se preocupe, disse o moleque decifrando-me o pensamento. Estando comigo, eles não mexem. (RAMOS, 1987b, p. 384)

Cubano costumava ser muito cordial com Ramos e isto não era o que o escritor esperava, por sua vontade não seria nada além do que quatro algarismo na lista de Cubano e um ser imperceptível naquele meio, mas tanto Cubano quanto os companheiros de cela, segundo Graciliano: “Obrigava-lhe a sair do anonimato e conferiam-lhe distinção considerada por ele como perigosa” (RAMOS, 1987b, p. 384). Como já é sabido, o escritor não gostava de ser destaque, discrição era seu forte.

Sempre à disposição do autor, o encarregado chamava sua atenção se passasse a hora do almoço. Certa vez chegam a “brigar” de maneira direta, por causa da insistência de Cubano para que ele comesse. Ramos o atacava com empurrões enquanto Cubano apenas ficava na defensiva tentando segurá-lo, pois o narrador estava muito debilitado e não aguentaria se Cubano revidasse, o que não aconteceria, pois Cubano desejava apenas o seu bem, de maneira diferente como podemos observar:

Nunca me passara a idéia de que ele fosse capaz de levar-me a semelhante apuro. Amável, serviçal, *procurava tornar-nos a vida menos dura no lugar infame*. De repente, a inopinada agressão. *Gente singular*, meio esquisito: *até para revelar sentimentos generosos, era indispensável a brutalidade*. Na desordem, mexendo-me ao acaso, via-me forçado a achar razoável o disparate: o homem recorria à violência com o intuito de prestar-me favor, e admiti que não podia comportar-se de outro modo. *Tinha um coração humano, sem dúvida, mas adquirira hábitos de animal*. *Enfim todos nos animalizávamos depressa*. (RAMOS, 1987b, p. 420, *grifos nossos*)

Quanto a atitude de Cubano, o narrador demonstra espanto apesar de entender os reais motivos que o levaram a tal atitude, reconhece seu coração bondoso, mas aponta a animalização, a violência como meio de solucionar problemas. Cubano sabendo que Ramos irá escrever um livro após sair do cárcere resolve apresentar-lhe uma figura que segundo ele iria lhe render boas histórias: Paraíba.

Cubano chegou-se a mim com uma proposta:
 — Vou apresentar o senhor a Paraíba. Ele sabe muito. — Conheço de vista. Vamos lá. Percorremos o galpão, encontramos ao fundo um mulato claro, de olho vivo, a conversar baixo com um sujeito arriado.
 — Paraíba, disse o negro, aqui seu Fulano vai escrever uma história e vem pedir a você algumas informações. Diabo. A notícia do livro chegara a Cubano, talvez à polícia; não me deixariam salvar as notas guardadas na valise.
 — Informações? estranhou Paraíba interrompendo os cochichos.
 — Sim, coisas de vigarismo. Diga como é que você trabalha.
 O tipo formalizou-se:
 — Nós não devemos confessar a leigos os mistérios da nossa profissão.
 Essa frase pulha enjoou-me. Pensei na linguagem simples de Gaúcho e fiquei ali de pé, sem nenhum interesse. Cubano insistiu, e enfim o mulato acedeu, com um gesto de profissional que manda um consultante para a sala de espera. (RAMOS, 1987b, p. 403)

De acordo com o escritor, “Paraíba era um mulato pretencioso, cheio de lábias e sorrisos; gestos brandos, voz dulçurosa” (RAMOS, 1987b, p. 376), mas não foi fácil convencer o memorialista de toda sua perspicácia. Enquanto Paraíba se punha a falar a Ramos do seu ofício e como empregava golpes psicológicos nas pessoas. Afirmou ao narrador que o golpe que aplicaria nele seria o “golpe da velha”.

Após toda o desenlace o autor confirma ser muito boa sua armadilha, contudo não funcionaria com ele que não é nada solícito e jamais pararia seus afazeres para ajudar um

desconhecido. No momento, o narrador lembra-se de Gaúcho e há de se confessar que tanto quanto Paraíba eram malandros profissionais, o primeiro lidava com rapidez e agilidade, o segundo com armas psicológicas.

Essas três figuras reforçam o quando a investigação da natureza humana é presente em *Memórias do cárcere*. Trazer essas três representações teve uma lógica para o narrador. As três figuras que representam as classes que mais viviam à margem da sociedade daquele período: o negro, o ladrão e o malandro. Confrontar um sistema, pondo essa classe como parte fundamental na elaboração de uma autobiografia foi humano e político.

Isto reforça que não foram apenas as boas atitudes que fazem esse personagem ganhar destaque, mas também o que disseram, como disseram, como se comportaram frente a situações adversas e como souberam lidar com a prisão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o percurso realizado neste trabalho, concluímos que o “mestre Graça” tendo a sensibilidade na escrita pôde nos apresentar e transformar a triste realidade vivida, no período muito próximo ao golpe que iria instaurar o Estado Novo, em um relato histórico e artístico. Desta forma, *Memórias do cárcere* assume o lugar de romance autobiográfico marcado por acontecimentos históricos, trazidos à tona por um narrador-personagem que decide contar após dez anos todos os episódios vividos por ele e seus companheiros.

Para tal, o narrador utiliza das memórias individuais e coletivas, a fim de reconstituir os fatos, já que seu relato não expõe apenas as experiências do “eu”, mas de todos que ali se achavam. É perceptível a presença de diversas vozes narradoras que saem da margem para o centro da narrativa, através do narrador-autor que age como porta-voz. Fazendo essa retomada, Ramos traz esses fatos para o tempo presente onde podem ser discutidos, contribuindo para o enriquecimento da obra literária.

O próprio autor declara, no início de sua escrita, que não tem compromisso com a verdade, mas também não diz que irá mentir, o que dá o toque da incerteza e a consciência da fragilidade do eu na missão de resgate das memórias, haja vista que todo o exposto está sendo retirado da sua memória que, inevitavelmente, seleciona os fatos de acordo com o grau de relevância. Considerando esta “seleção” feita pelas memórias do narrador, podemos observar a subjetividade da obra, em que o narrador não se prende unicamente ao que aconteceu, mas também ao que poderia ter acontecido.

A referida obra, além de ser marcada pelo peso da história, pelo ato de relembrar (memórias), também abre discussão para a ficcionalidade que compõe suas linhas. Há de se mencionar a importância da escrita, o quanto foi árdua esta tarefa em que atentar-se aos detalhes foi imprescindível para o texto artístico.

Graciliano Ramos aborda em *Memórias do cárcere* a literatura problematizadora que coloca o homem e sua vida social em análise, pois ao mesmo tempo em que estão em cárcere e estabelecem relações de convivência humana, acabam em alguns momentos adquirindo comportamentos de animais. Vale destacar que mesmo estando nesses ambientes que os animalizavam em alguns aspectos, o cárcere levou o narrador a uma autorreflexão que o ajudou a ver/reconhecer qualidades humanas que não acreditava existir, como a bondade e solidariedade que, aos seus olhos, eram atitudes ligadas ao interesse.

Assim, a pressão de um lado levou à animalização daqueles indivíduos, de outro transformou Ramos e o fez ser mais humano através das relações com seus companheiros. O narrador durante todo o texto apresenta total asco em relação ao espaço que não tinha o mínimo de condição sanitária. Além de desconforto, são descritas as náuseas e a abstenção de alimento decorrentes tanto da insalubridade do local, quanto pela condição da comida.

Ao trazer o passado para o presente, Graciliano Ramos acaba revivendo toda a história, pois o seu desejo era de reconstruir aquele mundo que foi condenado ao esquecimento absoluto. Tomando o testemunho como peça principal, o escritor passa a nos relatar as experiências articulando os fragmentos como forma de orientar os leitores. Esses e outros recursos utilizados por Graciliano o eternizaram, levando-o a ser considerado um dos maiores escritores brasileiros. Pois sabendo fazer uso da palavra, atribuiu a uma linguagem dura e seca a “missão” de denunciar o caos presente na sociedade, levando o leitor a uma riqueza de informações e, ao mesmo tempo, deleite.

Enfim, Graciliano Ramos deixa, em *Memórias do cárcere*, abertas inúmeras possibilidades de leituras e interpretações, visto que as informações presentes nos volumes não se esgotam, sendo possível caminhar em outras vertentes. A escolhida por nós, foi a do olhar para o outro. Este outro que sentia e sentiu na pele o peso da prisão tanto quanto o escritor e que jamais seria visto se Ramos não expusesse os fatos.

REFERÊNCIAS

- AURÉLIO. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. Versão 5.0. Curitiba: Editora Positivo, 2004. CD-ROM.
- BATISTA, Eloisy Oliveira. Graciliano Ramos: escritor, narrador, autor e herói. Uma leitura do “eu” na obra *Memórias do cárcere*. In: *Revista Espaço Acadêmico*, n. 100, Setembro de 2009, pp. 100-108. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcad_emico/article/view/7567>. Acesso em 05 ago. 2019.
- BOSI, Alfredo. A escrita do testemunho em *Memórias do cárcere*. In: *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 9, n. 23, 1995, pp. 309-322. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000100020>. Acesso em 05 ago. 2019.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- D’ARAÚJO, Maria Celina. *Getúlio Vargas*. Ensaio Biográfico. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2017. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bd/camara/7264>>. Acesso em 05 ago. 2019.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértices, 1990.
- MATTOS, Margareth Silva de. O escritor e suas reflexões sobre o fazer literário. In: SANTOS, Matildes Demetrio dos; SILVA, Mônica Gomes da (Org). *Pensar Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016, pp. 43-63.
- MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- NEVES, Rodrigo Jorge Ribeiro. Graciliano sob trevas luminosas. In: SANTOS, Matildes Demetrio dos; SILVA, Mônica Gomes da (Org). *Pensar Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016, pp. 99-123.
- RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Pref. Moarcir Werneck de Castro. São Paulo: Círculo do Livro, 1987a.
- RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987b.
- RICŒUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- SANTOS, Matildes Demetrio dos. A quebra do silêncio e a dramatização do escritor. In: _____; SILVA, Mônica Gomes da. (Org). *Pensar Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016, p. 26- 42.
- STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*. São Paulo: Companhia das letras, 1991.
- ZAGUARY, Eliane. *A escrita do eu*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: INL, 1982.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
COLEGIADO DE LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA/LIBRAS/LÍNGUA INGLESA

Av. Nestor de Melo Pita, nº 535
Centro - Amargosa - BA. CEP: 45300-000.
Tel.: 0** 75 3634-3418 / 2452. E-mail: cfp.ecgpe@ufrb.edu.br

UFRB
Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

CFP
CENTRO DE FORMAÇÃO
DE PROFESSORES

**Ata de Apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso da/o Graduanda/o
AMANDA CAROLINE SANTOS BONFIM.**

Aos vinte e dois dias do mês de julho do ano de dois mil e dezenove, às dezessete horas, na sala dois do Módulos Habitáveis do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, reuniram-se a/o Professora/o **MÔNICA GOMES DA SILVA**, na qualidade de orientadora/o e Presidente da Banca de TCC, a/o Professora/o **RICARDO PACHECO REIS** e a/o Professora/o **SILVIO RUIZ PARADISO**, como membros da banca, comunidade acadêmica e convidados para apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: **Desvendamento do Eu e do Outro em Memórias do cárcere de Graciliano Ramos**, de autoria da/o discente **AMANDA CAROLINE SANTOS BONFIM**, do Curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa/Libras/Língua Inglesa. Após a apresentação pela/o autora/o e as considerações feitas pela banca, esta se reuniu e deliberou pela aprovação do trabalho, atribuindo-lhe as seguintes notas:

Nota: 9,5 (nove pontos e meio)

Professor (a): **MÔNICA GOMES DA COSTA**

Assinatura Mônica Gomes da Silva

Nota: 9,5 (nove pontos e meio)

Professor (a): **RICARDO PACHECO REIS**

Assinatura Ricardo Pacheco Reis

Nota: 9,6 (nove pontos e seis)

Professor (a): **SILVIO RUIZ PARADISO**

Assinatura Silvio Ruiz Paradiso

Nota: _____

Professor (a): _____

Assinatura _____

A/o discente **AMANDA CAROLINE SANTOS BONFIM** foi **APROVADA/O** com a média 9,53
(nove pontos e cinquenta e três centésimos).

Amargosa/ BA, 22 de julho de 2019.

Mônica Gomes da Silva

MÔNICA GOMES DA SILVA
Presidente da Banca de TCC

Mônica Gomes da Silva
Profª Adjunta
SIAPE 1018583
CFP - UFRB